

Viagem ao Amapá

JORGE PEREIRA DE LA ROQUE

Quem volta de uma viagem à Amazônia vem entusiasmado pela sua maravilhosa beleza, como que deslumbrado e embevecido pela orgia de luz dos seus poentes.

Ali quase não existe a penumbra crepuscular. Logo após a festa de côres com que o sol se despede, vem, quase sem transição, a quietude da noite equatorial, com o cortejo interminável de estrêlas a iluminar o firmamento.

E, quando a lua aparece, derramando seus reflexos sôbre a floresta e prateando as águas, oferece ao espírito humano um espetáculo verdadeiramente empolgante.

Também, ao amanhecer, é rápida a transição das sombras da noite para a luz do dia.

E o astro-rei surge, sem demora, a iluminar as maravilhas amazônicas, das quais a mais notável é o majestoso rio-mar que, com a sua côrte tributária, rega aquela vegetação luxuriante, formando um sem número de ilhas e lagoas.

Nos remansos as "vitórias régias" exibem as lindas flores que o caboco chama, na sua linguagem pitoresca, de "estrêlas d'água".

Deslumbra-se o forasteiro a contemplar a variedade de vegetação que se reflete no espelho das águas tranqüilas, a admirar as gigantescas árvores graciosamente ornadas de inúmeras parasitas e de grinaldas de cipós, que lhes descem do cimo até a vegetação rasteira.

Destacam-se, entre êses gigantes, as castanheiras (*Bertholletia excelsa* H. B. K.), da família das lecitidáceas, que abrem majestosamente sôbre as outras árvores as suas enormes copas redondas, de um verde escuro.

Os "sacais" ou galhos secos, que se encontram pelo chão e meio submersos à margem dos "igarapés", servem de poleiro às mais variadas aves, as quais completam, com sua linda plumagem, o adôrno daquela natureza selvagem e bela.

Ao perceberem aproximar-se qualquer embarcação, bandos de "ciganas", no seu vôo pesado, levantam-se das decorativas "aningas" ribeirinhas e, assustadas, lançam um grito rouco qual um som de clarim desafinado.

Sua plumagem parda contrasta com a alvura das "garças" e com o vermelho vivo dos "guarás".

Uma revoada de guarás é belíssima!

Em formação perfeita de vôo, essas aves vencem grandes distâncias.

Ao voar, estendem o longo pescoço e a curta cauda de modo a formar uma linha reta atravessada perpendicularmente pela linha de suas asas estendidas.

Forma o pássaro nessa posição uma perfeita cruz, vermelha pelo colorido de suas penas.

Êsse agrupamento de cruces destaca-se maravilhosamente no azul do céu amazônico como homenagem magnífica ao símbolo da nossa fé.

Tivemos a oportunidade de contemplar com entusiasmo os vôos dêstes pássaros aquáticos sôbre o lago Arari, na ilha de Marajó.

Essa ilha é bem ante-sala da Amazônia, donde a propriedade do seu nome, originária do tupí *mabará-yó* que, segundo TEODORO SAMPAIO, pode ser traduzido por "anteparo do mar".

É ela, com os seus 47 964 quilômetros quadrados, maior que a Suíça.

O lago Arari, ali situado, é tão extenso que a vista não alcança a margem oposta. Nêle fazem rumo os municípios de Ponte de Pedra, Cachoeira e Chaves.

ORVILLE A. DERBY descreve-o como tendo 16 quilômetros de comprimento por 4 quilômetros de largura, sem contar uma distância quase igual na parte inferior, que pode ser considerada como um prolongamento natural do lago.

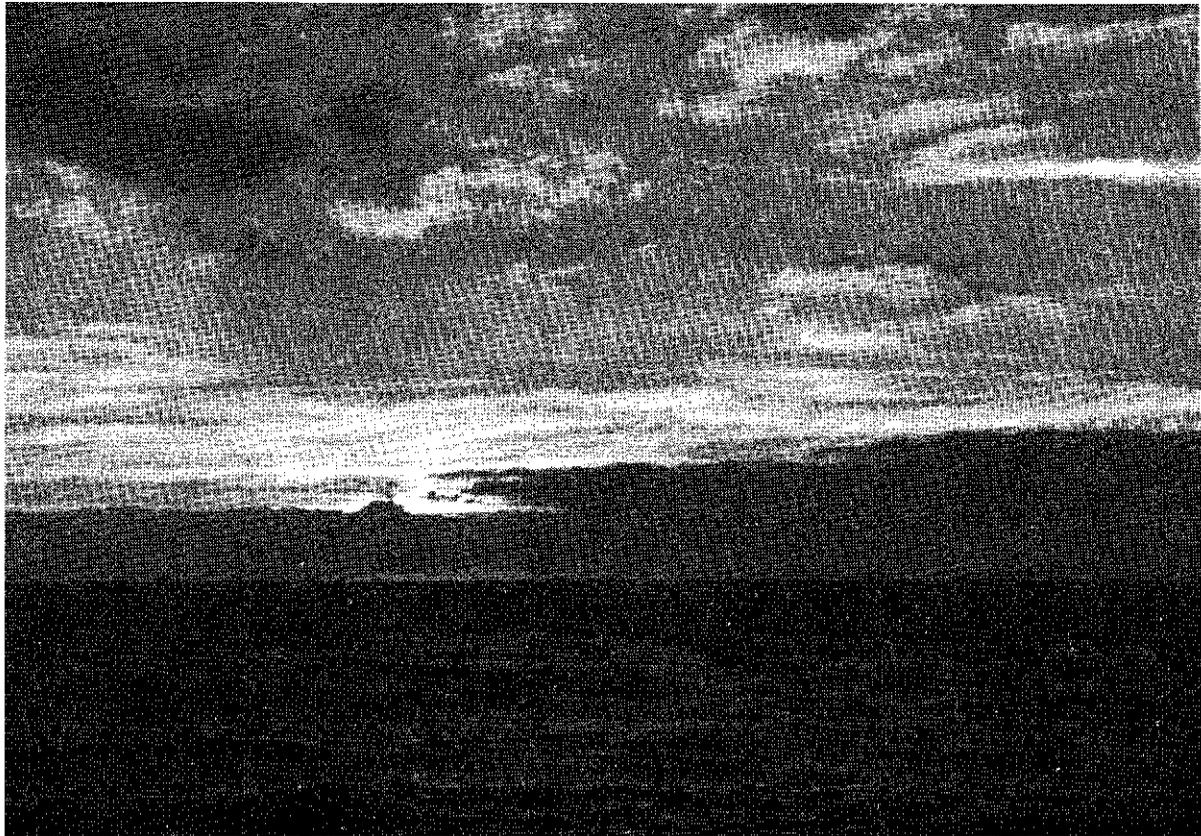


Fig. 1 — *Orgia de luz dos poentes amazônicos.*

A região marajoara do Arari, rica em pecuária e abundante em peixe, é fonte do abastecimento de Belém.

Jenipapo dispõe de umas 100 canoas de pesca e Santa Cruz, situada nas margens do lago Arari, possui outras 40 embarcações.

Ambas essas localidades pertencem ao município de Ponte de Pedra.

A pesca, que é inaugurada a 2 de agosto, com uma grande festa, prolonga-se até fins de dezembro no lago Arari.

Embarca-se em Jenipapo o pescado, em canoas de vela, que são denominadas "geleiras", por disporem de gelo a bordo para a conservação do mesmo no transporte até Belém.

Em Santa Cruz existe a colônia de pesca Z 23 cujo chefe é o Sr. JOÃO PAMPLONA FILHO. Se bem que contando em 1947, 63 anos de idade, ainda é um vigoroso caboclo muito ativo e amável.

Dirige um núcleo de profissionais fortes e disciplinados. Fornece, durante todo ano, mantimentos aos associados da colônia e às suas famílias, que lhe pagam na época da pesca.

Os pescadores recebem Cr\$ 3,50 pelo peixe de 1.^a classe, Cr\$ 1,80 pelo de 2.^a e Cr\$ 0,80 pelo de 3.^a classe.

O "tamuatá" é o primeiro peixe a aparecer e custa à população Cr\$ 0,20 o quilo. É um peixe cascudo, como o "acari" e, como éste, vive entre o lodo. Tem barbilhões bifurcados e é peixe pequeno, atingindo, no máximo, uns 22 centímetros.

É curioso pela disposição desencontrada das suas escamas.

Pega-se o "tamuatá" a mão.

Tivemos ocasião de observar um outro peixe chamado "itui" ou "sarapó", que mede aproximadamente um metro de comprimento.

Nota-se-lhe a particularidade de terminar o aparelho digestivo na parte inferior da cabeça onde possui um orifício para defecar.

Seus dentes são miúdos e em forma de serra.

É uma espécie de enguia, desprezada pelos pescadores.

Ninguém lhe come a carne, que é mole e desenhada, como a do "puraquê".

Anualmente, durante a época da pescaria na região do Arari, milhões de cruzeiros são invertidos em produtos de pesca.

O movimento comercial é grande.

Tivemos ocasião de admirar a astúcia de um comerciante dessa região que, para maior "mobilidade" nos seus negócios, imaginou estabelecer-se num prédio de madeira, de dois pavimentos, sobre flutuadores.

No andar térreo funciona a casa de negócios e o pavimento superior serve de residência para a família.

E assim vai êle de fazenda em fazenda, vendendo as mercadorias e impulsionando seu "prédio" por meio de um forte motor de pôpa". (Fig. 11).

Praticamente, na Amazônia, só existem duas estações — inverno e verão — isto é, o período da enchente e o da vazante.

Em novembro começam as águas, é o princípio da cheia anual que dura seis meses.

Isso representa meio ano de luta para aquelas populações ribeirinhas, uma verdadeira ginástica de energia e de paciência para o caboclo.

Nessa época o céu se veste de grandes cúmulos, não tardando o fuzilar dos relâmpagos e o reboar dos trovões.

A ventania sopra violenta, virando canoas de vela e agitando as águas barrentas que abandonaram o leito dos rios e dos lagos para espalhar-se pela planície imensa, inundando campos e florestas.

Ilhas flutuantes de "canaranas" arrancadas pela impetuosidade das águas passam impelidas pela corrente e pela ventania, transportando, por vezes, "jacarés" ou "sucurijus".

Fig. 2 — O sol surge a iluminar as maravilhas amazônicas.

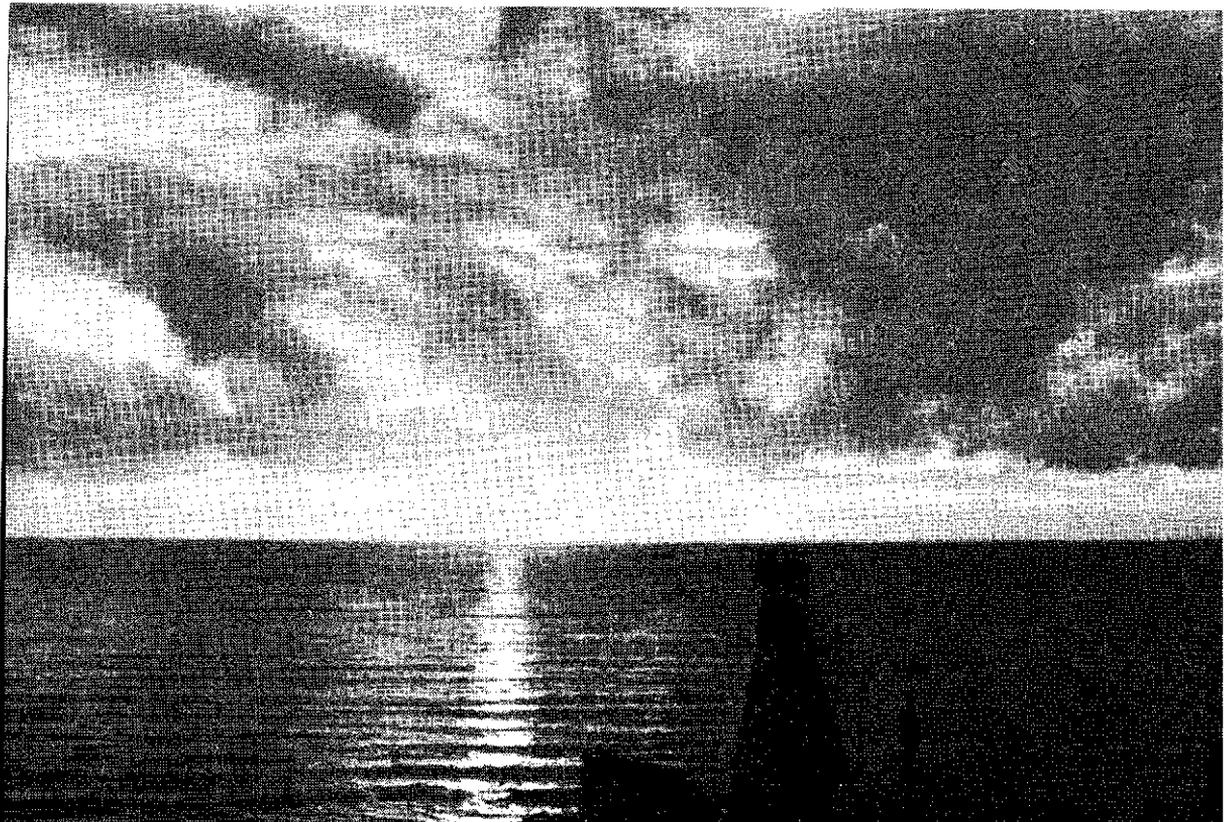




Fig. 3 — As decorativas “aningas” ribeirinhas.



Fig. 4 — Em perfeita formação de vôo, os guarás vencem grandes distâncias.

A atmosfera satura-se de umidade em grandes castelos de nuvens, que, em seguida, desmoronam-se, abaladas pela violência das descargas elétricas, quando estas cortam o céu em longas e sinuosas faíscas.

E condensam-se as nuvens, a princípio em grandes gotas esparsas, e, logo após, em pesadas cataratas, cuja água vai reforçar mais ainda o volume da enchente.

E o caboclo, impassível, defende a sua família, defende o seu gado como pode, tocando-o para as “marombas”, grandes estrados formados de grossas achas sôbre os quais o rebanho espera que passe a longa tormenta, alimentado pela canarana, gramínea aquática, que os vaqueiros colhem e transportam em canoas.

Morre o gado às centenas e aos milhares, reduzindo à pobreza os seus proprietários.

Êstes, passada a enchente, resignadamente, contam as poucas cabeças que lhes restam, conformando-se com os prejuízos sofridos, sem lamúrias e sem protestos: “Deus quis”, dizem resignados.

Após a enchente, é ainda atormentado o caboclo pela febre palustre.

Depois, tudo se vai serenando e a natureza parece querer consolar o caboclo com lagos coalhados de peixes, floridos de “vitórias régias” e enfeitados de maravilhosas aves.

E o caboclo no meio de tanta vida, esquece a inundação e a morte.

A flor da “apérana” (*Limnanthemum Humboldtianum* GRISEB gentianáceas), planta aquática dos campos baixos, é outra curiosidade da região.

Tem cinco pétalas espessas, de um branco aveludado, parecendo muito com a célebre *Edelweiss*, flor “imortal das neves”, encontrada nos Alpes e nos Pirineus.

Os “mururés”, plantas aquáticas, flutuantes, do gênero *Eichornia* (*E. azurea* KUNTH-pontedericiáceas) dão flores violáceas, delicadas e belas.

Não fôra o grande número de mosquitos, mutucas e outros insetos “ferozes” a chamar-nos à realidade, a Amazônia assim em festa nos daria a impressão de região encantada.

Entretanto, mesmo então, nem sempre é risonha a paisagem.

Por exemplo, o aspecto do "igapó", mata inundada, vai do lúgubre ao dantesco, segundo o desenvolvimento da vegetação da floresta.

Quando esta é densa e de grande porte, ao cair do dia, o ambiente é de escuridão quase completa, por não poderem os raios solares vencer a espessa ramagem.

Então a luz que se consegue infiltrar é apenas suficiente para perceberem-se os pormenores do quadro que se nos apresenta impressionante.

Como o vento também não consegue romper através da vegetação, fica a superfície das águas numa imobilidade absoluta, que só é interrompida pelas ondulações, em círculos concêntricos, provocadas pela queda de um fruto ou pelo salto de um peixe.

Essa imobilidade quase não permite distinguir, em volta dos gigantescos troncos, o nível da água cristalina, porém negra na aparência, nem deixa ver o ponto de contacto dos cipós "matá-matás" com a superfície líquida.

Êstes e as raízes descobertas tomam aspecto de serpentes.

O silêncio do "igapó" é cortado de quando em quando pelo "mugido" rouco do sapo-boi tão diferente do coaxar dos outros sapos.

Se é disparada uma arma de fogo, o ruído da explosão reboia como se fôsse dado o tiro sob as abóbadas de uma catedral.

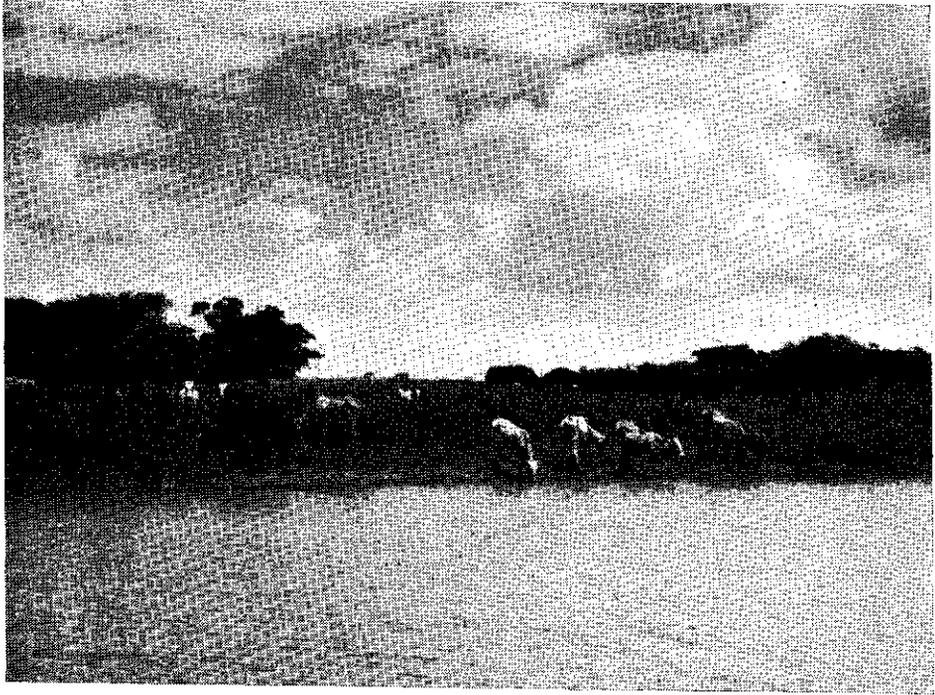


Fig. 5 — A região marajoara do Arari é rica em pecuária.

São raras as aves na espessa ramagem, como se temessem aquêlê ambiente carregado de ameaças.

Só por vêzes se aventura por lá algum bando de macacos, cujos guinchos apavoram o homem que se embrenha naquela solidão asfixiante.

Guarnecem as copas das árvores orquídeas maravilhosas.

Grinaldas de cipós diversos descem da galhada até as águas tranqüilas, onde puluam as "piranhas" e os "puraquês", enguias elétricas que chegam a atingir mais de dois metros de comprimento e trinta centímetros de diâmetro.

Para fazer o seu repasto estes escolhem os frutos que lhes agradam e desferem uma descarga elétrica junto às raízes submersas da fruteira.

Os ramos mais finos da copa da mesma são abalados pelo choque elétrico e o seu estremecimento provoca a queda dos frutos apetecidos.



Fig. 6 — A pesca é inaugurada a 2 de agosto, com uma grande festa.

Também ali vivem as monstruosas “sucuris”, serpentes d’água, temíveis pela sua força. Este ambiente impressiona a tal ponto o forasteiro, que ele acaba convencendo-se de que será flechado por algum índio emboscado.

E, então, afasta a “montaria” com remadas nervosas do seu “jacumã”, para que a noite não o surpreenda naqueles ermos perigosos.

Os peixes são abundantes no "igapó".

Além das "piranhas" e "puraquês" de que já falamos, encontram-se o "tucunaré", o "jaú", o "tamuatá", o "tambaqui" e o "acari".

Entretanto, pouco se pesca no "igapó", como ninguém pesca à noite na foz de um "igarapé".

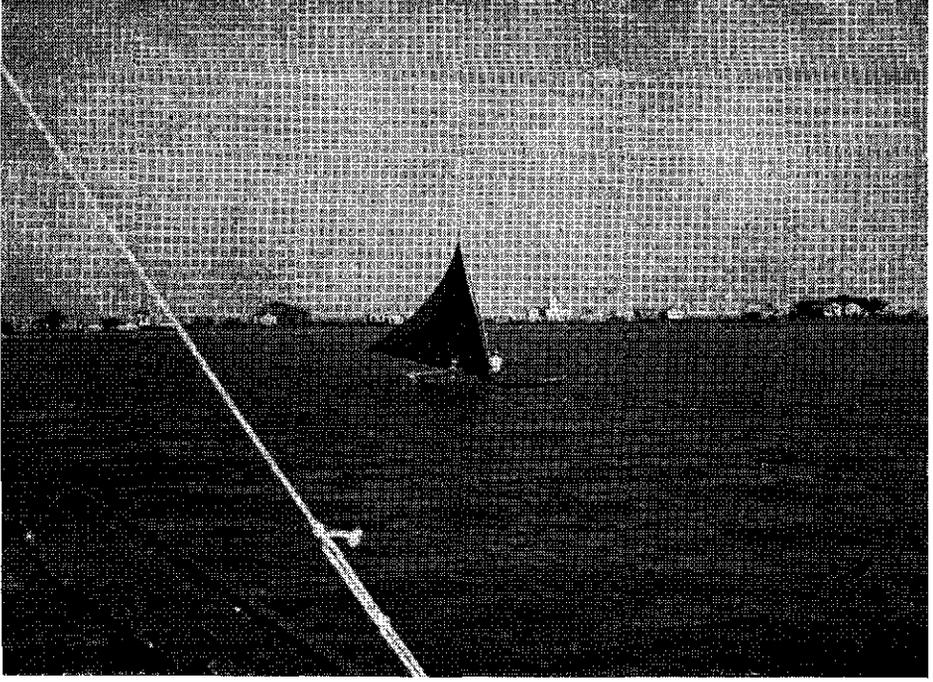


Fig. 7 — Santa Cruz, na margem do lago Arari.

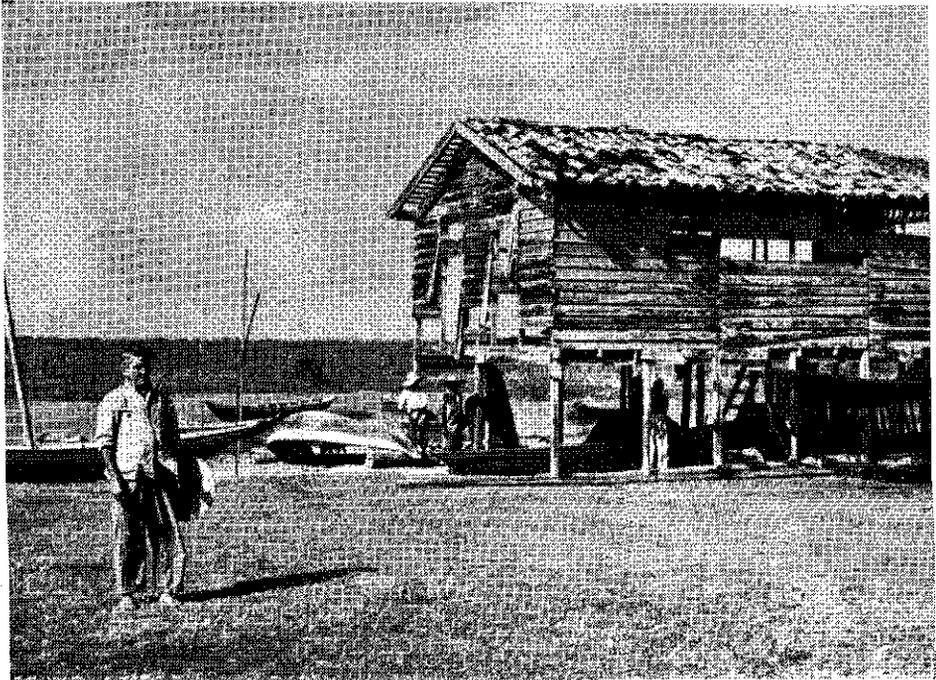


Fig. 8 — O chefe da colônia de pesca Z-23, de Santa Cruz.

O caboclo não pernoita aí com a sua canoa por dizer a lenda ser um lugar cheio de ruídos pavorosos que êle atribui a maus espíritos.

A verdade é que se ouve bater com violência, na água, fungar, nadar e mergulhar, pois é um ponto de reunião de "sucurijus", "botos", "jacarés", "puraquês" e "piraibas", que aí devoram os peixes miúdos extraviados.

O "igarapé", nome tupi que significa "caminho de canoa", é um rio em miniatura, tendo cabeceira, declive, afluentes e foz.

Os "igarapés", na maioria navegáveis para pequenas lanchas, são quase sempre de grande beleza, com curvas graciosas e vegetação intensa, que os tornam sombrios.

Em clareiras abertas no emaranhado da mata tropical, à margem dos rios, geralmente bastante distanciadas umas das outras, surgem as choupanas dos caboclos, com paredes e coberturas de fôlhas de palmeira.

Dispõem sempre de uma tósca ponte de embarque, feita de troncos de árvores falquejados ou de tábuas.

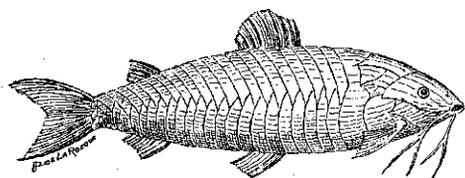


Fig. 9 — *Tamuatá Branco* (0m,22).



Fig. 10 — *Ituí, ou Sarapó* (1m,00).

São construídas sôbre estacas altas de madeira de lei que as defendem do nível máximo atingido pelas águas nas grandes enchentes.

O caboclo é inteligente, vivo, sentimental e, também supersticioso, o que constitui a fonte das mais pitorescas lendas.

É geralmente pacato, tornando-se, entretanto, violento, quando a honra da família está em jôgo ou quando se trata de questão de amor.

Descendente do estrangeiro invasor e do índio, herdou dêste as qualidades físicas e a astúcia e do primeiro as virtudes morais.

É corajoso e mostra-se indiferente aos perigos que o cercam.

A classe mais humilde, que está em contacto constante com a selva, vive de caça, pesca, frutas e farinha de mandioca, chamada na região, farinha d'água.

Um dos grandes fatores de sua alimentação é o "açai" que êle colhe na floresta.

Acredita que o "açai" amadurece de mêdo pela presença na mata do "Berto" no dia de São Bartolomeu, 24 de agosto.

O "Berto" representa para o caboclo uma figura do demônio.

Por êste motivo, não vai para a mata, não caça e não toma "açai" na referida data, nem que o matem.

O "açazeiro", *Euterpe olerácea* M. da família das palmáceas, é encontrado principalmente nas margens dos rios e dos "igarapés".

É uma palmeira muito graciosa, vive em touceiras e atrai a atenção pela altura e flexibilidade de suas hastes, que balançam ao menor sôpro da brisa. Seu espique, cilíndrico, anelado e erecto, atinge até trinta metros de altura.

O fruto é constituído por baga globosa violácea, fibrosa, contendo amêndoa pequena e dura.

Dá em grandes cachos e sua polpa, amassada, fornece o famoso e nutritivo "vinho de açai", bebida tradicional dos aborígenes da Amazônia e hoje dos seus habitantes civilizados, que dela usam e abusam, adicionando-lhe açúcar e farinha de mandioca torrada ou farinha de tapioca.

A aparição dos frutos maduros é motivo de regozijo para os índios, que logo tratam de fabricar a bebida e aproveitam-na para realizar festas e casamentos.

O lenho fende fãcilmente e presta-se para barrotos, caibros e ripas, bastante durãveis quando provêm de plantas velhas.

Da baga é extraído um óleo medicinal.

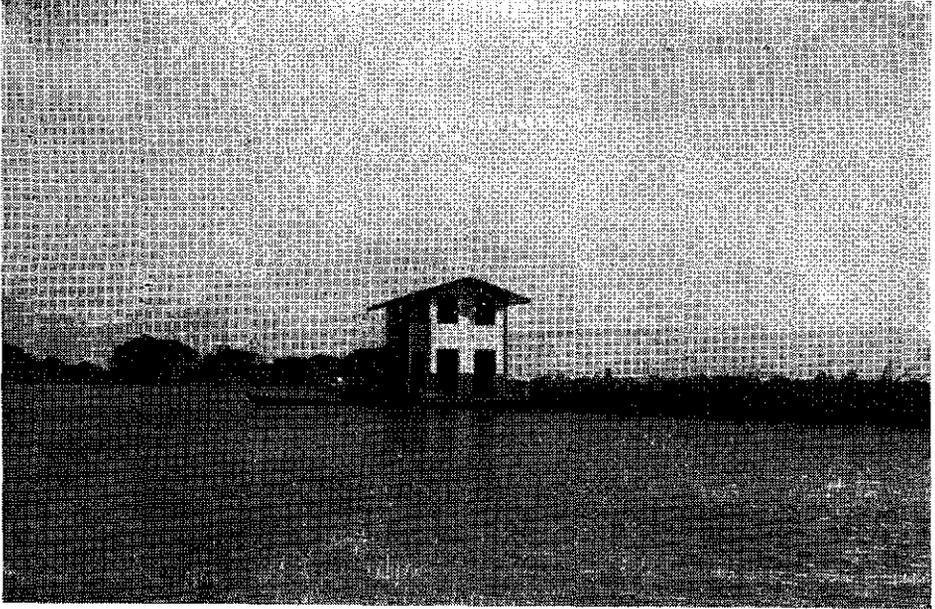


Fig. 11 — O comerciante vai de fazenda em fazenda, impulsionando a seu "prédio" por meio de um motor de pópa.

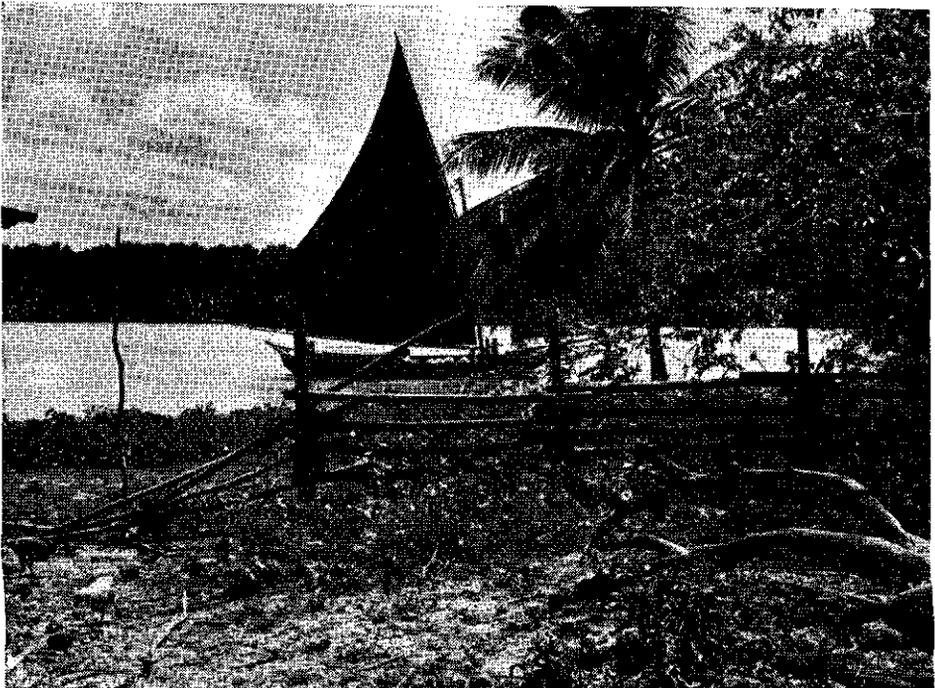


Fig. 12 — Transporte de gado no rio Arari.

As fibras são aproveitadas pelo "japim" (*Cassicus persicus*) para fazer o seu ninho em árvores frondosas, vizinhas das habitações.

Êsses ninhos, sempre agrupados, apresentam uma forma muito interessante.

São como sacos alongados, estreitos na entrada ou parte superior, que fica presa aos galhos, e mais largos na base pendente, formando um conjunto pitoresco, completado pelo alarido da passarada, que entra nos ninhos e dêles sai continuamente.

O "japim" é um pássaro um pouco maior que o "sabiá", sua plumagem é preta, com tons amarelos nas asas e na cauda, sendo amarelo também o seu bico.

É alegre e irrequieto. O seu canto consiste de três tons seguidos, os dois primeiros guturais e graves e o último estridente e agudo.

Não é perseguido pelo homem e parece, por êste motivo, procurar a sua vizinhança como medida de proteção contra outros pássaros e animais carnívoros.

O caboclo, em luta constante contra a fauna agressiva, vivendo entre a selva e as águas, é caçador, mas, principalmente, pescador.

É de uma paciência admirável, que o leva a permanecer de pé, de cócoras ou de joelhos à proa de sua "montaria", horas a fio, de arpão em punho, na pesca do "pirarucu" ou "peixe-boi".

Fica nessa atitude até a chegada do peixe, que pressente por uma ligeira ondulação da camada flutuante do "mururé", ou pelas pequenas bôlhas de ar, que sobem à superfície da água, provocadas pela respiração da presa desejada, a qual, unicamente através desses indícios, é arpoada sem demora com vigor e excepcional precisão.

Grande parte da nata da população amazônica também é cabocla e se orgulha de sê-lo.

Tivemos ocasião de ouvir um brasileiro, sem confiança em nossa gente, perguntar em tom de censura: "Qual será a raça mais poderosa e apta que a nossa, que virá dar à Amazônia o progresso que ela merece?"



Fig. 13 — *Boi de sela à margem do lago Arari.*

Não devemos ser tão pessimistas a respeito do valor da nossa gente.

Lembremo-nos do caso bastante expressivo da construção da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba.

Até hoje essa magnífica obra de engenharia brasileira vem prestando os melhores serviços e merecendo os elogios de técnicos do mundo inteiro.



Fig. 14 — *Amazônia, região encantada.*

E não se trata de um caso isolado, vejamos, por exemplo, a esplêndida Estrada de Ferro São Paulo-Santos, outra jóia de nossa engenharia e a Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Em setor diverso vamos encontrar a figura impressionante de OSVALDO CRUZ que, graças à sua tenacidade, abnegação e competência, conseguiu livrar a nossa pátria do terrível flagelo da febre amarela.

Mesmo em nossos serviços públicos, às vêzes caluniados, encontramos diretores competentes e auxiliares devotados, como na luta contra a invasão do *anofeles gambiense* em 1930, no Nordeste brasileiro.

O reerguimento da Amazônia, que já conheceu a prosperidade, é sem dúvida um caso que poderia ser resolvido com uma administração bem orientada.

Não é impraticável, mas, para isso, são necessários patriotismo e abnegação, virtudes que, infelizmente, se vão tornando cada vez mais raras.

Para a solução do problema, seria indispensável um plano pré-estabelecido, compreendendo inicialmente a organização, pelo menos em cada sede de município, de assistência médico-hospitalar, instrução geral e técnica e educação cívico-religiosa, com tendência a estender-se aos poucos às outras cidades.

O elemento homem, para essa solução, nós o possuímos e da melhor espécie, pois, quem melhor que o nordestino e o próprio caboclo da Amazônia estará apto a resistir ao meio na luta pela existência?

Tanto o nordestino como o caboclo são prolíferos, suas famílias são quase sempre numerosas.

Precisamos apenas de ampará-las e desenvolvê-las pela assistência acima mencionada.

A alta porcentagem de mortandade infantil, que atualmente existe entre eles, poderia ser reduzida ao mínimo, por uma eficaz assistência à maternidade e à infância.

Seria isso de muito maior vantagem do que estabelecer-se uma corrente imigratória de gente estranha ao meio em que teria de viver.

O nosso caboclo já está adaptado aos perigos que o cercam.

No alto do rio Arari, quase ao entrar no lago do mesmo nome, tivemos ocasião de permanecer algumas horas na vila lacustre de Jenipapo e de observar mais uma vez essa adaptação do caboclo ao perigo.

As casas ali são de madeira, algumas de dois andares, cobertas de telhas na sua maioria.

Tôdas são construídas sôbre estacas de madeira de lei, emergindo das águas do próprio rio, que se estendem pela planície ribeirinha em época de enchente.

Cada casa dispõe de duas ou mais "montarias" e todo o movimento da população de 1 200 almas é feito por meio dessas embarcações, muito comuns na Amazônia.

Nas águas pululam as "piranhas" (*Serrasalmos piraya*). Êsse peixe é chamado "tigre d'água doce" pela sua ferocidade.

Existem três espécies de piranhas: a branca, a vermelha e a preta.

Vivem em grandes cardumes prontas a devorar a prêsã, seja homem, boi ou cavalo.

Não obstante, crianças de menos de dez anos vão à escola sôzinhas, em pequenas "montarias", remando com seu "jacumã" (remo curto, em forma de pá, usado em tôda a região).

Da mesma forma as moças vão à igreja ou às festas.

As fotografias juntas documentam o que afirmamos.

Ninguém ali se preocupa com "piranhas".

No entanto bastaria que fôsse adernada a embarcação, por qualquer manobra falsa ou por súbito temporal, para o seu tripulante ser devorado em poucos minutos por êsses peixes vorazes!

Fig. 15 — Os "igrapês" de vegetação intensa que os terna sombrios.





Fig. 16 — À margem dos rios surgem as choupanas dos caboclos.

Todos ali sabem nadar com perícia desde a infância, e, em caso de acidente, o único meio de defender-se das “piranhas” é nadar batendo violentamente os braços e as pernas, a fim de afugentar os terríveis peixes pela agitação da água e pelo barulho produzido.

É importante livrar-se do primeiro ataque pois, à vista do sangue, acorrem, em cardumes, estes peixes que não medem mais de 0m,30 e cujos dentes, verdadeiras navalhas, em poucos minutos deixam a vítima reduzida a esqueleto.

O caboclo possui grandes aptidões naturais e desenvolve a sua capacidade de trabalho de maneira espantosa, logo que disponha de elementos para tal.

Freqüentemente isto é notado, quando vapores de nossa marinha mercante ou de guerra aportam em estaleiros estrangeiros para reparos.

Temos sabido do conceito de operários especializados de estaleiros ingleses (com grande prática no ofício que é passado de pai para filho), os quais se mostram profundamente admirados pela eficiência das tripulações de nossos navios, na maioria constituídas de caboclos, que, só em observá-los no trabalho, passam a ajudá-los como se já fossem velhos operários em construção naval.

O caboclo é acusado de não ser ambicioso, de gostar da vida que leva, permanecendo nas margens dos rios e vivendo de modo primitivo da caça e da pesca.

Entretanto vive assim por estar em abandono.

Uma assistência médica adequada e uma instrução técnico-profissional eficiente despertariam nêle, sem dúvida alguma, o amor ao progresso e o desejo de prosperar numa vida mais ativa.

Quanto ao nordestino, já é conhecido, entre nós, como o *yankee* brasileiro, por ser empreendedor e arrojado nos seus negócios.

Povoada a Amazônia com gente dessa natureza, devidamente tratada e instruída, teria forçosamente que progredir e reerguer-se, tanto intelectual como economicamente.



Fig. 17 — Trecho da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba, obra-prima da engenharia brasileira.

A população da região amazônica possui um acentuado espírito religioso, implantado desde a heróica catequese dos missionários jesuítas nos tempos coloniais, na época em que, até no alto da serra de Parintins, à margem do Amazonas, se fazia ouvir o som grave do bronze do “maracá-açu” o sino grande, anunciando aos habitantes da região, então na

maioria silvícolas, a chegada dos missionários e chamando-os para a prática dos deveres religiosos.

Ainda hoje, reúnem-se os caboclos em plena mata, para rezar em comum as suas ladainhas.



Fig. 18 — *Quem melhor que o nordestino e o caboclo da Amazônia estará apto a resistir ao meio na luta pela existência.*

Mas estas, agora, sem direção religiosa, por falta de sacerdotes, tornam-se muitas vezes profanas, terminando com danças regadas fartamente de cachaça.

Em homenagem ao espírito religioso das populações amazônicas, reproduzimos aqui fotografias que tiramos da grande procissão do "Círio", a que tivemos a feliz oportunidade de assistir em 1947 em Belém.

Êsse ato religioso realiza-se ali todos os anos, no segundo domingo do mês de outubro, em louvor a Nossa Senhora de Nazaré.

É a maior procissão do Norte e, talvez, de todo o Brasil.

O "Círio" inicia-se às 7 horas da manhã, saindo então solenemente da Sé de Belém (para onde fôra levada na véspera) a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, colocada num andor com rodas, denominado "berlinda", que é puxado pelo povo por meio de cordas.

Vai terminar, lá pelas 11 horas, com a chegada dêsse andor ao ponto final da procissão — a Basílica de Nossa Senhora de Nazaré.



Fig. 19 — 1200 habitantes vivem em Jenipapo sôbre as margens do rio Arari...

Os fiéis de tôdas as classes sociais timbram em exhibir-se, reverentes, na procissão do "Círio", cumprindo promessas, todos desejosos de mostrar-se humildes ante o poder da Santíssima Mãe de Deus.

Talvez mais de cem mil pessoas tomem parte nessa grandiosa manifestação de fé e de devoção à Rainha do Céu e vêem-se comumente famílias, acostumadas a todo bem-estar, acompanhar descalças a procissão em todo o seu percurso.

Ao "Círio" seguem-se quatorze dias de festejos à Virgem Milagrosa da Amazônia, na grande praça em frente à Basílica repleta de barraquinhas de madeira, onde, à noite, são realizados leilões e tómbolas de prendas oferecidas pelo povo e são servidos pratos e bebidas regionais.

Ali é o ponto de reunião de tôdas as famílias de Belém, durante êsses dias de festa de Nazaré.

Depois de comparecerem à parte religiosa dos festejos na Basílica, ficam horas a passear em volta da praça.

• • •

É percorrendo a Amazônia que se pode imaginar o vulto do esforço necessário para a solução dos seus problemas de saúde, de instrução e produção.

Muito trabalho nesse sentido já foi feito nos dois grandes estados do Pará e Amazonas, que compreendem a quase totalidade da maior bacia hidrográfica do mundo.

Numa extensão territorial tão grande, existem terras boas e férteis e terras pobres.

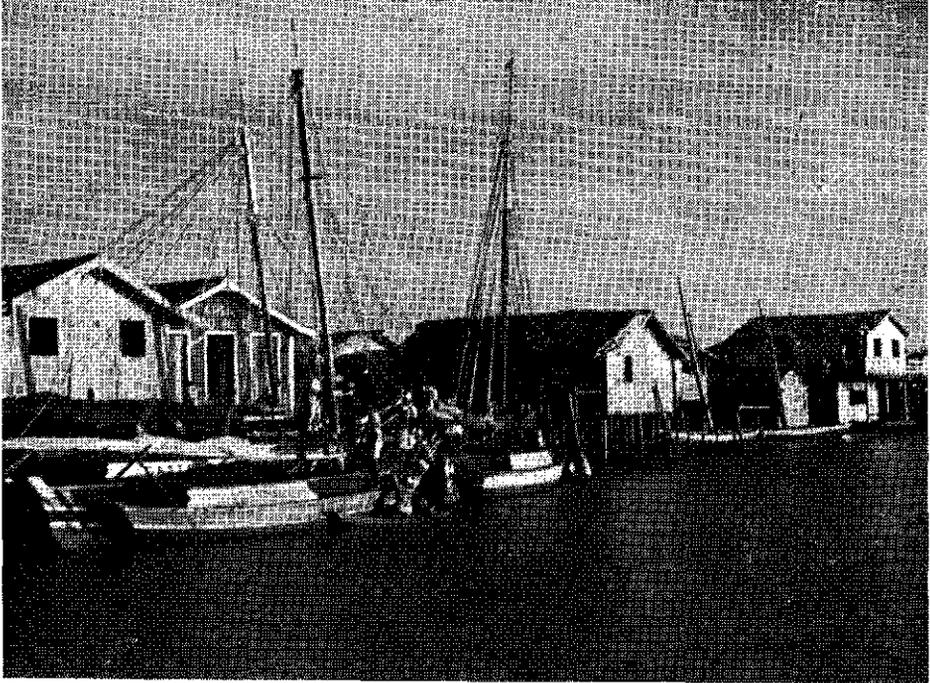


Fig. 20 — ...em casas construídas sôbre estacas de madeira.



Fig. 21 — As crianças vão à escola de "montaria" se bem que nas águas do rio pululem piranhas.

As primeiras se encontram principalmente nos pontos mais baixos, sujeitos às inundações anuais, que nelas depositam elementos fertilizantes, como acontece no Egito nas margens do Nilo.



Fig. 22 — As moças também vão de “montaria” às festas.



Fig. 23 — O caboclo possui grandes aptidões naturais e capacidade de trabalho.

Nessas terras o ciclo das culturas só poderá durar enquanto permitir o nível das águas, devendo a colheita ser feita antes da cheia periódica.

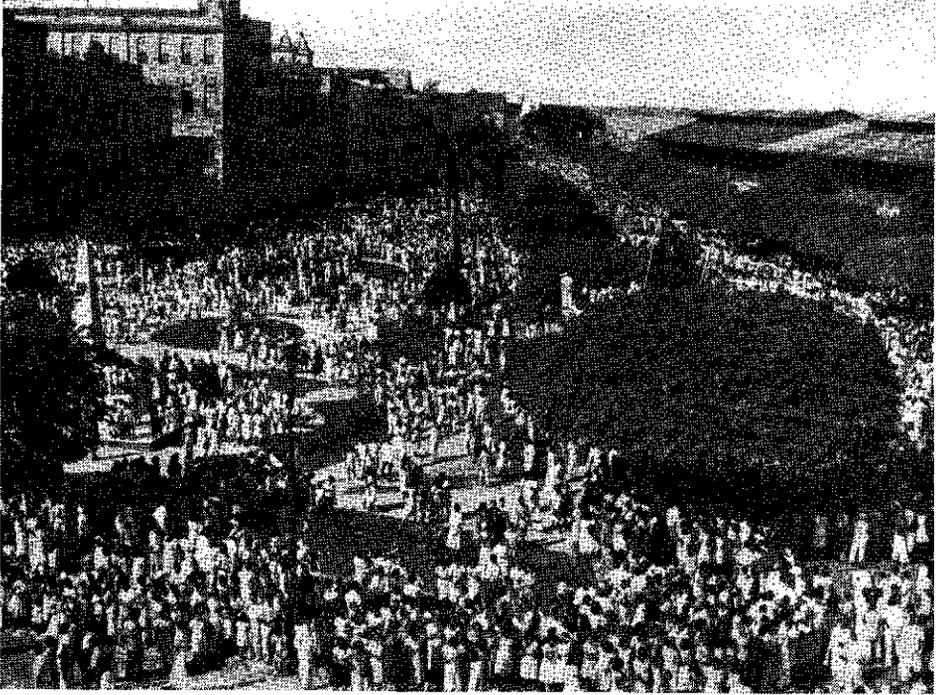


Fig. 24 — O povo chegando para assistir à passagem do "Círio" e tomar parte na procissão.

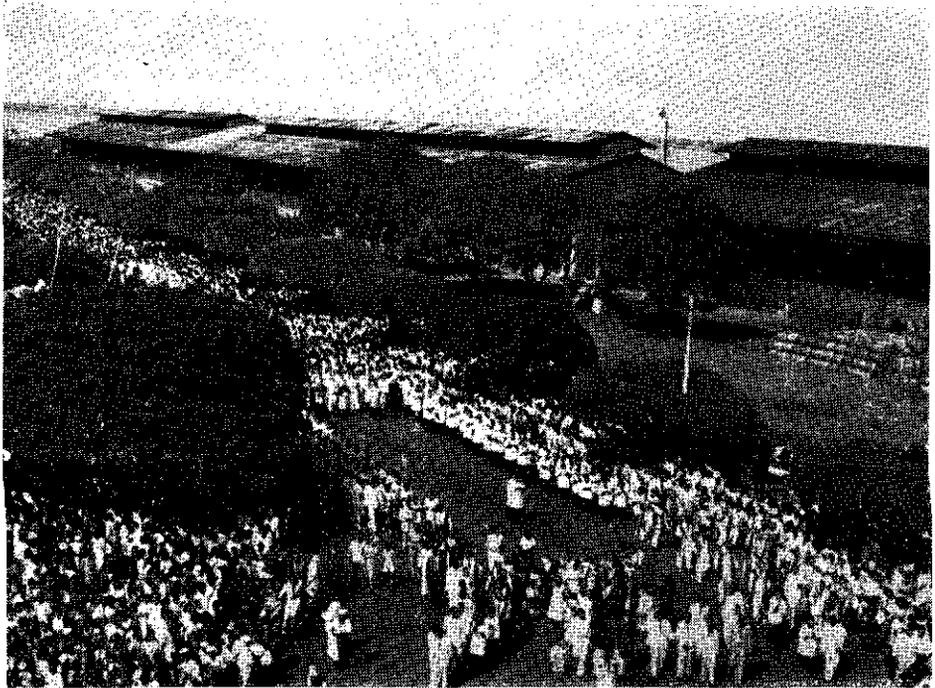


Fig. 25 — À frente da procissão comparecem os seminaristas.

A pedra vermelha conhecida na região amazônica como “pedra do Pará”, “pedra canga” ou “piçarra”, é uma rocha silicatada rica em ferro, que, oxidada pelas águas plu-

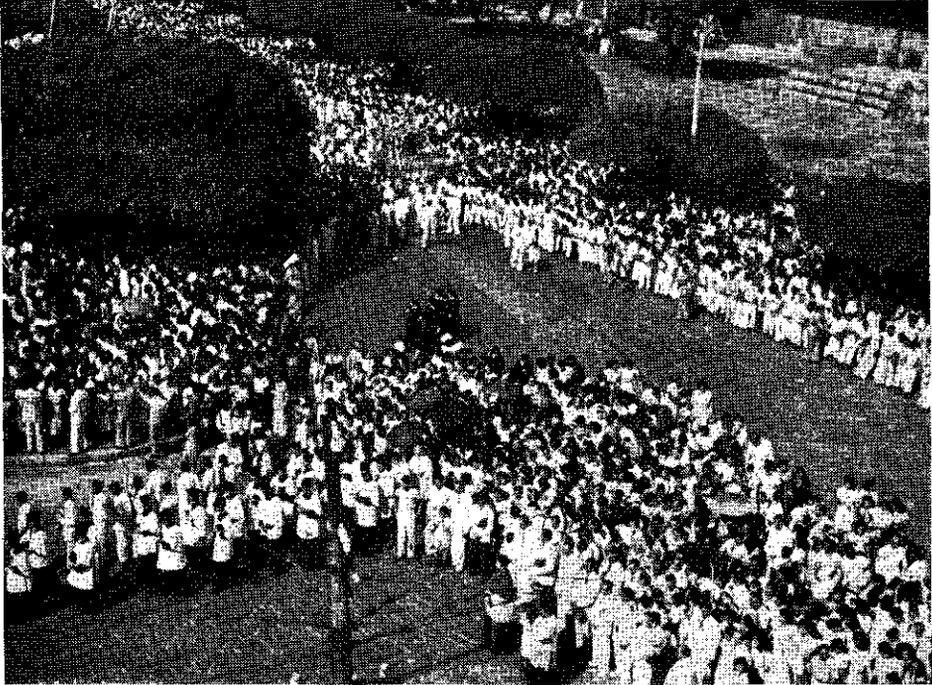


Fig. 26 — A “berlinda” ou andor sôbre rodas puzado pelo povo, trazendo a imagem da Santíssima Virgem.

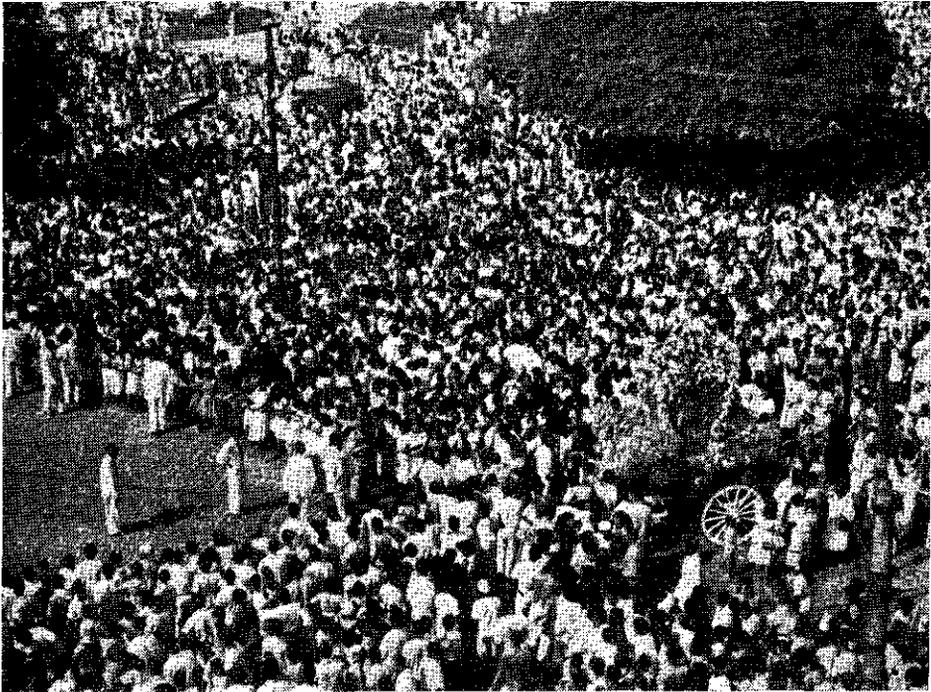


Fig. 27 — O andor de Nossa Senhora de Nazaré.

viais tropicais, que contêm mais ácido carbônico que as águas pluviais de regiões temperadas, produz a "terra vermelha tropical", um hidrato ferruginoso d'alumínio, a "laterita".

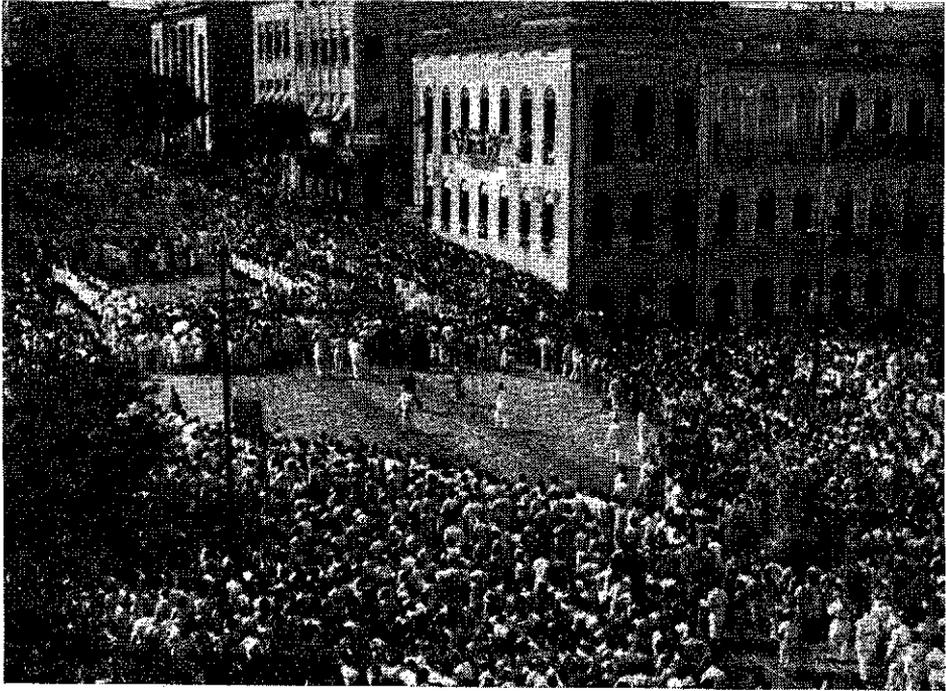


Fig. 28 — A "berlinda" subindo pela avenida 15 de Agosto.

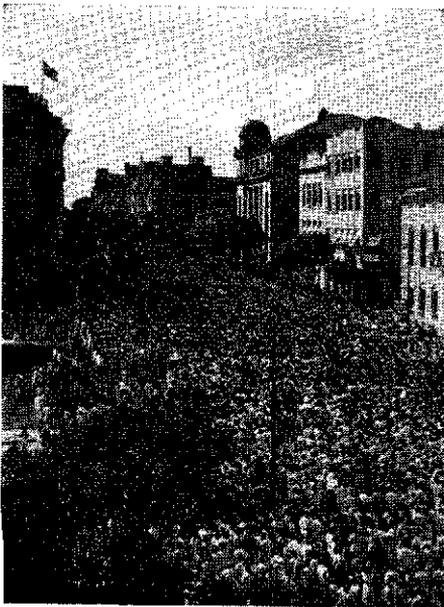


Fig. 29 — A massa popular acompanhando o "Círio" pela avenida 15 de Agosto.

Uma vez em flor a leguminosa semeada, passa-se por cima da plantação um rôlo pesado no sentido em que se tenciona lavar.

Infelizmente esta tem por característica dar terra arável e estéril.

Entretanto esta terra, pobre em calcário e em outros elementos fertilizantes, pode ser economicamente melhorada pela adubagem verde, até o dia em que o agricultor da região possa dispor de adubos químicos por preços compensadores.

A adubagem verde tornará a terra menos compacta e mais rica.

Como é sabido, divide-se êsse sistema de adubagem em:

1.º — Adubos verdes cultivados e enterrados no próprio terreno.

2.º — Adubos verdes trazidos de fora.

O primeiro modo é mais prático e mais econômico: semeia-se com abundância uma leguminosa, porque as plantas dessa família possuem a propriedade de fixar diretamente nas nodosidades das suas raízes o azôto da atmosfera e de incorporá-lo ao solo quando enterradas.

O arado, virando a terra sobre as hastes das plantas bem deitadas pelo rôlo, enterra as mesmas de maneira perfeita.

O terreno, em certos casos, pela adubagem verde adquire um aumento de fertilidade equivalente a 10 000 quilos de estrume por hectare.

A área adubada será então plantada quando estiver apodrecido na terra o vegetal enterrado.

Seria necessário um esforço coordenado entre os governantes da região para a solução de problemas tão complexos e para o aproveitamento racional dos recursos econômicos.

Às falazes conveniências dêste ou daquele estado, deveria sobrepor-se o real interesse do Brasil.

Infelizmente, ao invés dêsse objetivo, assistimos, penalizados, a antigas lutas de fronteiras, que prosseguem como se o todo não pertencesse a uma só pátria.

É verdadeiramente de lastimar que dois grandes estados, como o Pará e o Amazonas, destinados pela sua situação geográfica a trabalharem juntos pela grandeza do país, vivam a ameaçar-se de armas em punho, por velhas questões territoriais.

Vamos cogitando nestes problemas importantes e na urgência de amparar o homem do interior a fim de evitar a continuação do seu êxodo para as cidades e capitais, movimento êsse fatal à produção do país.

Era para nós uma grande dúvida saber se seria possível encontrar administradores com bastante patriotismo para levar a cabo empreitadas vitais como a do reerguimento da Amazônia.

Encheu-nos de júbilo a resposta afirmativa a tão inquietante interrogação e ela nos foi dada, quando visitávamos o novo território do Amapá, na pessoa do seu governador.

Nessa visita, verificamos que o governador dêsse território é da fibra dos homens de que o Brasil precisa: patriota, idealista, dinâmico.

Sabíamos abandonado êsse rincão da Amazônia, antes de sua transformação em território federal.

O que vimos ali já realizado em 1947 empolgou-nos a ponto de sentirmo-nos no dever de divulgá-lo, por espírito de justiça.

Seria uma felicidade que o exemplo do governador do território do Amapá, o capitão JANARI GENTIL NUNES, fôsse seguido por outros governantes no nosso país.



Fig. 30 — Ponto terminal do "Círio", a Basílica de N. S. de Nazaré.

Desprezando a politicagem daninha, que só serve para esgotar as preciosas energias da pátria, sem maior preocupação de protocolos, com o espírito totalmente voltado para a solução dos problemas do Amapá, êsse brilhante administrador norteia-se por um só ideal — o bem do Brasil.

TERRITÓRIO DO AMAPÁ

Partindo de Belém no dia 17 de setembro de 1947, transpusemos, num vôo de uma hora, o rio Pará e, em tôda a sua largura, a ilha de Marajó, sulcada de inúmeros rios e igarapés.

Sobrevoamos enfim o vasto estuário do rio Amazonas, na altura do canal do Jurupari, depois de ter deixado, à direita, a vila de Afuá.

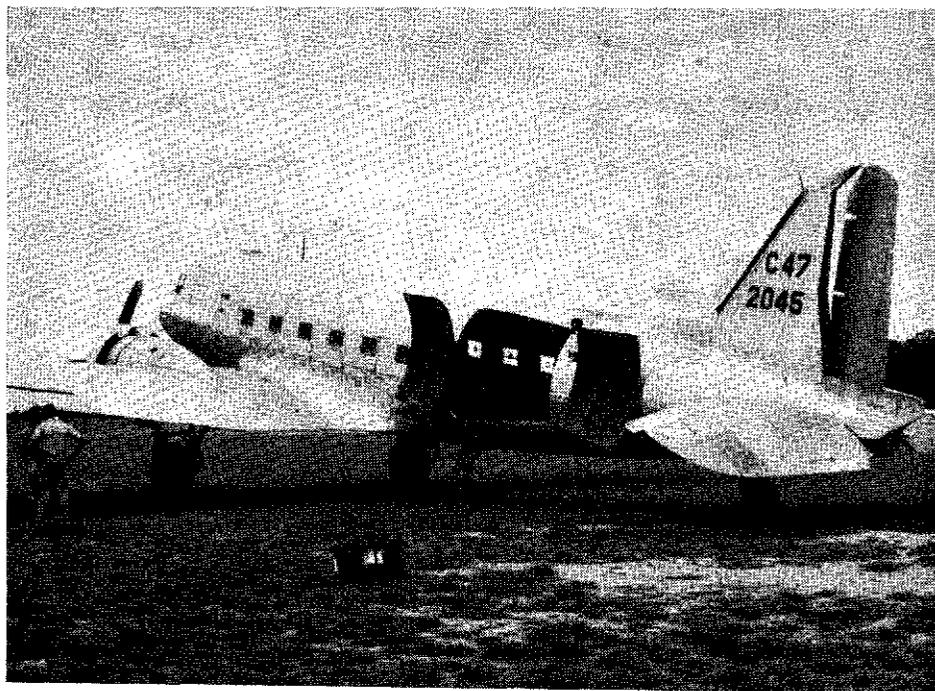


Fig. 31 — Macapá possui um bom aeroporto.

Para quem viaja de avião, a cidade de Macapá parece surgir, como por encanto, do seio mesmo das águas.

A posição da capital do território do Amapá é privilegiada, à margem esquerda do braço setentrional do rio-mar, em frente ao seu vasto estuário, orientada para o nascente.

Possui Macapá um bom aeroporto, distante apenas 20 quilômetros da cidade, dispendo de piso asfaltado, aperfeiçoado pelas forças norte-americanas e atualmente em poder da Base Aérea de Belém.

A primeira coisa que chama a atenção do visitante é a vasta fortaleza construída pelos portugueses, nos tempos coloniais, para defender a divisa do Oiapoque contra a invasão de franceses, ingleses e holandeses, assegurando, dessa forma, a conquista definitiva do Amazonas.

Visitamo-la em companhia do zeloso capitão HUMBERTO PINHEIRO DE VASCONCELOS, digno diretor da Divisão de Segurança e Guarda, que dedica enorme carinho à restauração desse monumento histórico.

Obedece nisto à orientação do governo do território, sob os auspícios da Divisão de Segurança e Guarda, de acôrdo com o Serviço do Patrimônio Histórico Nacional.

Já foi completamente reconstruída a capela da antiga praça de guerra e solenemente reposta no seu altar a primitiva imagem de São José, encontrada no sótão da Igreja Matriz de Macapá, assim como outros objetos sacros que, por medida de precaução, tinham sido guardados ali.



Fig. 32 — *Chama a atenção do viajante a vasta e antiga fortaleza.*

O altar foi inteiramente confeccionado pela carpintaria da guarda da fortaleza que se encarrega de todos os outros serviços de madeira exigidos pela reconstrução do monumento.

Em diversas dependências da fortaleza trabalham, por tarefa, operários que confeccionam, em máquinas apropriadas, calçados para crianças e adultos.

A fortaleza é edificada em terreno elevado, composto de terra vermelha e argila branca, mistura a que os naturais chamam de "curi" e que tem a propriedade de amolecer dentro d'água e de endurecer ao calor do sol. (Figs. 33 e 34).

O quadrado de "fortificação rasante" é sustentado por muralhas grossas de cantaria trabalhada em pedra escura, extraída das rochas ali existentes.

Nos ângulos do quadrado formado pela fortaleza, existem quatro baluartes de figura pentagonal e, em cada um destes, encontram-se onze canhoneiras.

No recinto da praça, um quadrado perfeito, acham-se oito edifícios destinados aos diversos misteres de uma praça de guerra, como sejam: paiol de pólvora, hospital, capela, praça d'armas, armazéns e cantinas, todos à prova de bombas da época.

Um fôssô circunda a fortaleza. No centro, existe uma cisterna abobadada para esgôto das águas.

Ao braço do negro se deve, em maior parte, a construção dessa obra monumental e seu custo elevou-se a quatro milhões de cruzados.

Foi iniciada em 29 de junho de 1764, dia de São Pedro, sob plano idealizado pelo marquês de POMBAL, e concluída em 19 de março de 1782, sendo inaugurada pelo 22.º governador JOÃO PEREIRA CALDAS.

Seus construtores foram o engenheiro HENRIQUE ANTÔNIO GALLUCIO e o sargento-mor engenheiro GASPAR JOÃO GERALDO DE GRONFELTO, que participaram da Comissão Demarcadora dos limites com terras da Espanha, em 1754, de acôrdo com o Tratado de Madri, de 1750.



Fig. 33 — Muralhas grossas de cantaria de pedra escura.

ludibriar o povo com processos demagógicos e vãs promessas. É um homem de ação, como prova o que já vimos ali realizado.

Seu esforço e o de seus dedicados auxiliares para integrar aquela região, na comunhão brasileira é digno dos maiores louvores.

De fato, aos primeiros administradores cabe a árdua tarefa de tudo organizar.

Longe dos centros civilizados da nação, privam-se, com suas famílias, de todos os recursos do confôrto moderno.

No território do Amapá, atualmente, tudo é ainda de iniciativa do govêrno do território, desde os serviços de transporte e abastecimento até a produção de tijolos e telhas.

Futuramente, estas tarefas se tornarão mais fáceis, quando o comércio, a agricultura e a indústria estiverem nas mãos de particular.

Pelo vulto do plano a executar, urgia começar em grande escala.

Dessa forma, procurou-se solucionar simultaneamente os problemas mais urgentes de educação, viação e saúde pública, com a instalação dos serviços referentes à iluminação, ao abastecimento d'água, ao fomento agrícola e à construção indispensável e urgente de hotel

Como já dissemos, julgávamos que o Amapá continuasse em abandono, mas tivemos a surpresa de encontrá-lo palpitante de atividade pelas realizações de seu abnegado e operoso governador.

Na verdade, só as gerações futuras poderão avaliar o vulto da obra que êle vem empreendendo, pelo que registar a história da nossa pátria.

Foi, sem dúvida, uma medida feliz a da criação dos territórios federais pelo decreto-lei n.º 5 812, de 13 de setembro de 1943.

Esta medida visa, de fato, a segurança nacional com o desenvolvimento de regiões de nossas fronteiras que viviam afastadas dos poderes centrais. Mas êsse ato se tornaria inexpressivo, sem a cooperação patriótica dos governantes escolhidos para assumirem o pôsto de sacrifício e de responsabilidade que a medida exige.

Esta cooperação encontrou-a o território do Amapá no seu governador.

Felizmente, êle não é dos que perdem tempo e dinheiro em politicagem, e procuram

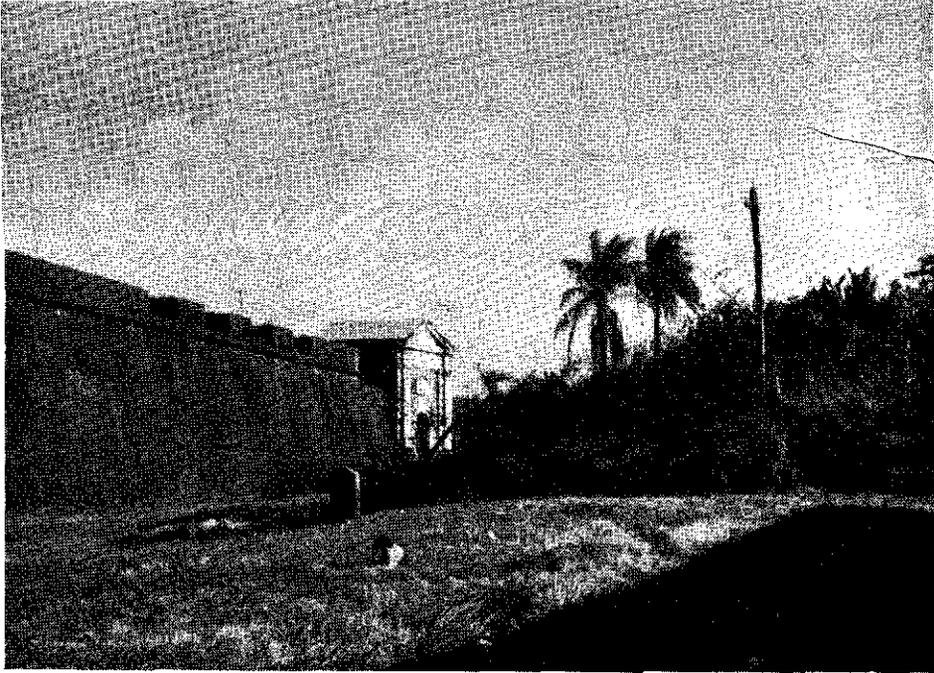


Fig. 34 — *Entrada principal da fortaleza.*

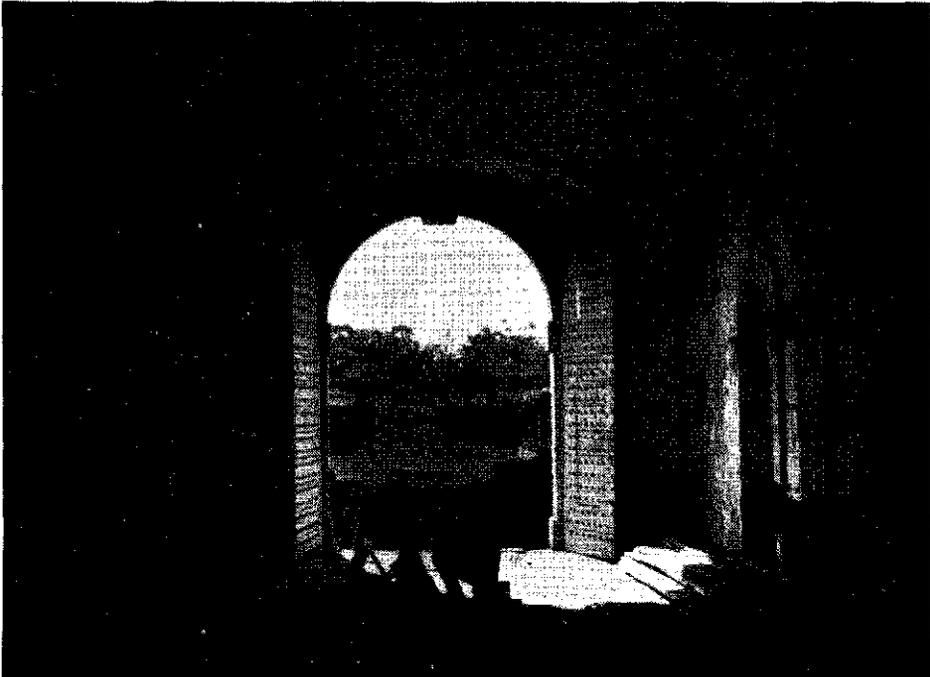


Fig. 35 — *Vista da parte interna da entrada da fortaleza.*

e de casas para residência de funcionários, do grupo escolar, do hospital, dos edifícios para serviços de administração, etc., etc.

Isso tudo não só em Macapá, capital do território, como também nos antigos municípios que integram o território, regiões remotas, até então em completo abandono.

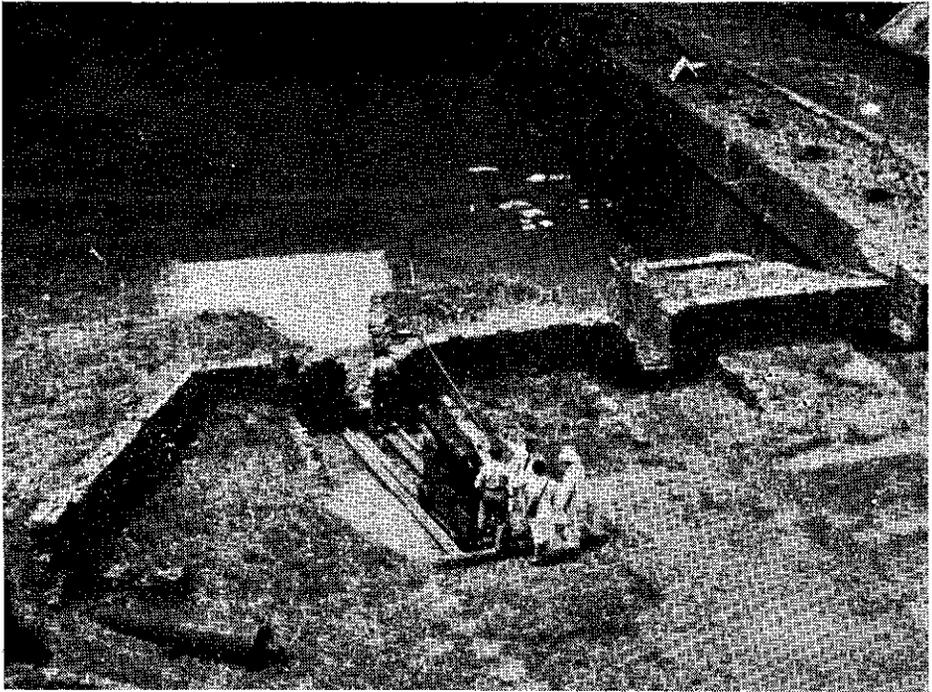


Fig. 36 — Nos ângulos do quadrado existem quatro baluartes de figura pentagonal.



Fig. 37 — Estaleiros de construção naval, vendo-se ao longe a fortaleza.

O capitão JANARI GENTIL NUNES, executando êsse imenso programa com sua férrea força de vontade, tornou-se verdadeiramente o criador do território do Amapá.

Resta muito a fazer, mas muito já foi feito.

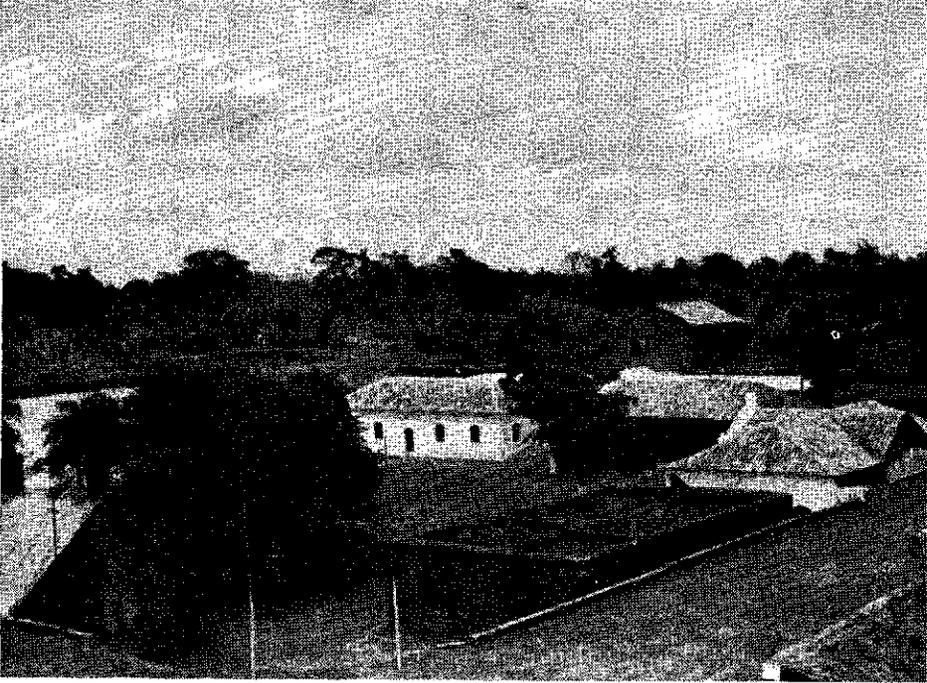


Fig. 38 — No recinto da praça acham-se oito edificios.

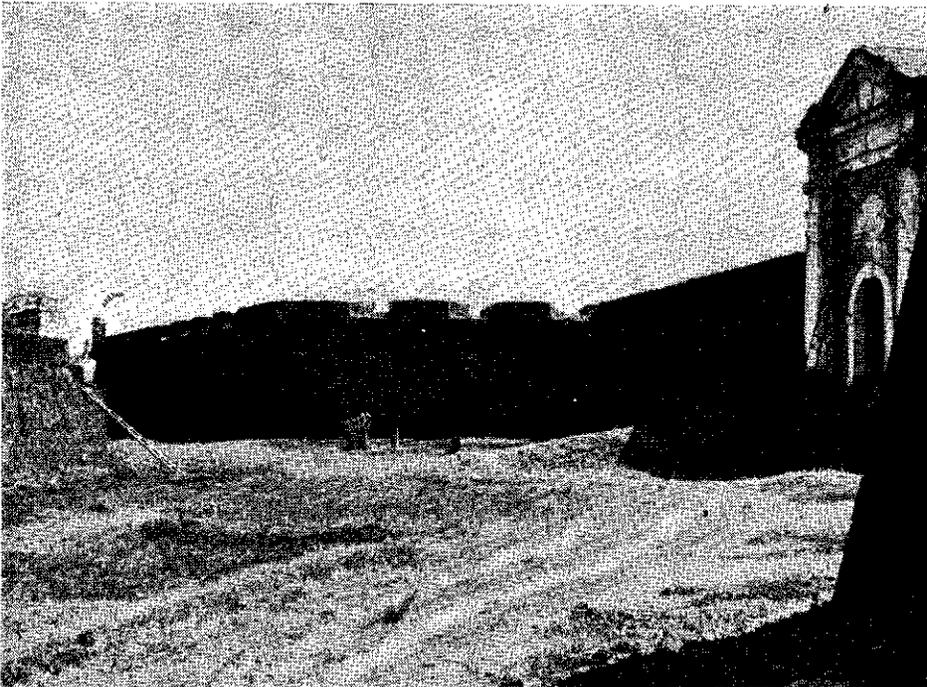


Fig. 39 — Um jósso circunda a fortaleza.

O governador, felizmente, é também um dos poucos brasileiros que sabem apreciar o que é nosso.

Fazendo justiça ao amazonida, ele o considera um verdadeiro gigante, que nasce e cresce com a cultura permanente em seu sangue da coleção completa de moléstias tropi-



Fig. 40 — Casas para residência de funcionários.

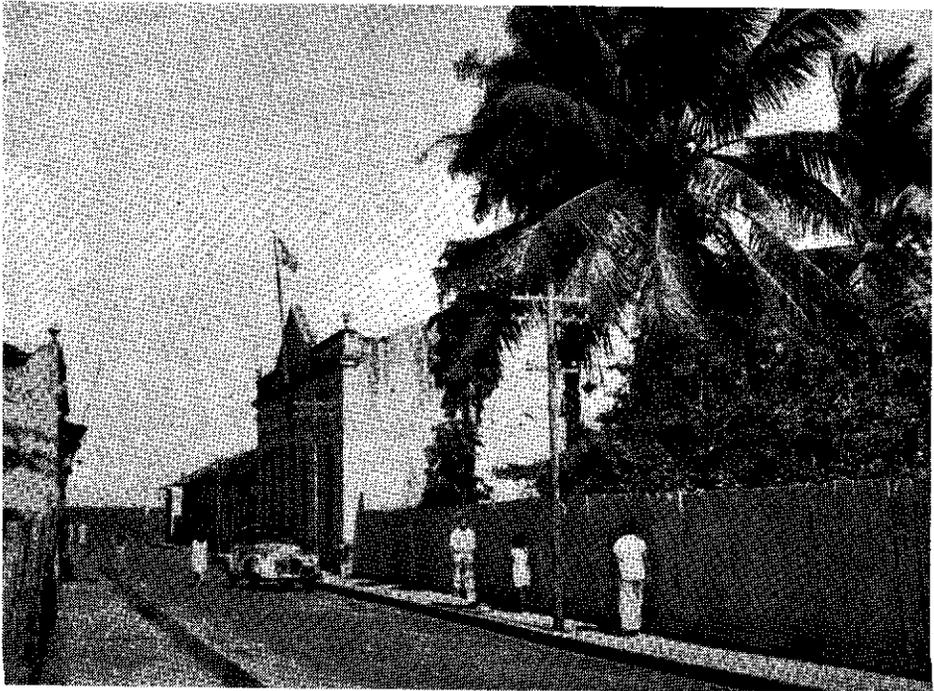


Fig. 41 — A prefeitura de Macapá, sede provisória.

cais, devorado pelos vermes, habituado ao trabalho desde a infância e precoce no sofrimento e nas privações.

Para êle, o vencedor de tão tremendas batalhas transforma-se num semi-deus que enfrenta impassível as tempestades, as inundações e a pororoca, e que não hesita em embrenhar-se desarmado e tranqüilo na selva, para ir colher a borracha ou a semente oleaginosa.

A febre e a morte não espantam êsse lutador, se bem que o sigam como sombras pertinazes desde o colo materno.

É inteligente, sagaz e tem espírito de iniciativa.

Encontra o governador nesta nossa gente as características másculas de uma raça fadada ao triunfo.

Considera o caboclo a melhor fortuna territorial e diz que tratá-lo, educá-lo, elevá-lo, enriquecê-lo, deverá ser a diretriz de tôda a atividade do govêrno, porque constitui, em essência, a garantia da penetração e da exploração da gleba e o fator mais precioso da segurança de nossas fronteiras.

Diz êle que êsse elemento humano, unido ao nordestino e ao sulista, desbravará o nosso sertão, colocando finalmente o Brasil no seu verdadeiro lugar entre as nações mais civilizadas.

E, para conquistar êsse precioso elemento, compreendeu o capitão GENTIL NUNES que não deveria empregar discursos demagógicos, mas sim "realizar".

SAÚDE

À Divisão de Saúde, órgão estruturado pelo decreto-lei n.º 7773, de 23 de agosto de 1945, compete o Serviço de Saúde e Assistência da Capital e do Interior, tendo por finalidades:

- I — Efetuar estudos e inquéritos sôbre as condições sanitárias do território;
- II — Elaborar um plano de assistência médico-social para a região;
- III — Manter e administrar os estabelecimentos indispensáveis à execução do plano, tais como centros e postos de saúde, hospitais, maternidades e postos de puericultura;
- IV — Coordenar e fiscalizar outras atividades de natureza oficial ou particular, que visem atender aos problemas de higiene e de assistência médico-social no território;
- V — Promover e executar quaisquer medidas reclamadas pelas condições especiais do território, no setor de saúde e assistência.

O Serviço de Saúde e Assistência da Capital compreende os serviços de higiene e assistência médica, prestados através de uma Unidade Sanitária Mista e de um Pôsto de Puericultura, localizados na cidade de Macapá.

O Pôsto de Puericultura Iracema Carvão Nunes, doado pela Campanha de Redenção da Criança e construído pelo govêrno do território, está em atividade regular desde janeiro de 1946, nêle funcionando os serviços de higiene pré-natal e de saúde, destinados às gestantes e às crianças até 2 anos de idade.

A Cantina Maternal e o Lactário do Pôsto estão a cargo da Liga Brasileira de Assistência.

A Unidade Sanitária Mista centraliza os serviços de higiene e de assistência médica à população.

São os seguintes os serviços de higiene abrangidos pela Unidade Sanitária Mista: Pré-Escolar, Dentária, Oftalmologia, Otorrinolaringologia, Exames de Saúde, Doenças Transmissíveis, Radiologia, Tisiologia, Lepra, Malária, Doenças Venéreas e Visitadoras Sanitárias.

Os serviços de assistência médica compreendem as Clínicas Pediátrica, Ginecológica, Obstétrica, Médico-Cirúrgica (incluindo acidentes de trabalho), Ambulatório, Assistência Domiciliar e um Serviço de Pronto Socorro (com plantão diário de um médico, um enfermeiro, um laboratorista, um auxiliar de farmácia e um servente), além de uma Enfermaria de Emergência, com capacidade para oito leitos.

Dispõe ainda a Unidade Sanitária Mista de laboratório e farmácia, para atender aos serviços de higiene e assistência.

No Arquivo Central da Unidade Sanitária, durante o ano de 1946, foram matriculadas 3 600 pessoas.

A mais grandiosa das obras do governo do território do Amapá é, sem dúvida, o hospital de Macapá, prédio de três pavimentos de grandes proporções, em via de conclusão; nele será instalada a Unidade Sanitária Mista de Macapá, que hoje funciona, provisoriamente, em prédio adaptado.

O Centro de Saúde funcionará no andar térreo do novo edifício, enquanto as clínicas e enfermarias, com capacidade para 60 leitos, ocuparão o primeiro andar.

Uma maternidade de 20 leitos tem a sua construção já iniciada, próximo à Unidade Sanitária.

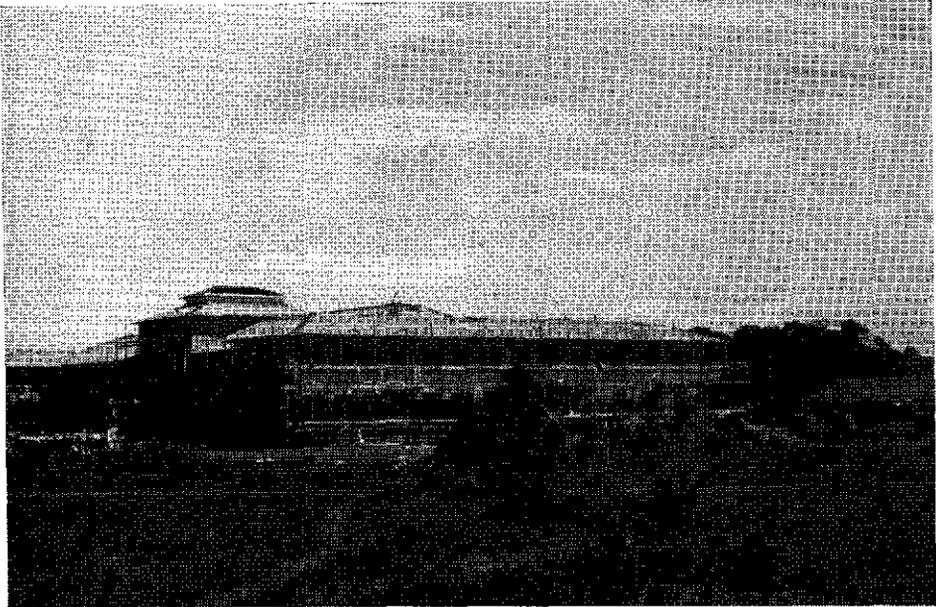


Fig. 42 — A mais grandiosa das obras do governo do território do Amapá, é o hospital,

Existem três postos para assistência médica e sanitária às populações dos municípios: um em Mazagão, outro em Amapá e outro em Oiapoque, dispoindo de médico, laboratorista, enfermeiro, guarda-sanitário e servente.

Três sub-postos estão a cargo de guardas medicadores em Jari, Calçoene e Cassiporé, subordinados cada um deles, respectivamente, àqueles postos.

Êstes sub-postos atendem não somente aos habitantes da sede, como aos do interior do município, realizando viagens periódicas aos principais rios e núcleos de população.

O Serviço do Interior é completado pela distribuição de pequenas ambulâncias com medicamentos de emergência.

Entre as obras de saneamento empreendidas no território, convém destacar o abastecimento de água encanada, em Macapá, que custou ao governo a soma de Cr\$ 1 000 000,00.

O benefício do fornecimento de água purificada à população traduziu-se por uma imediata melhoria das condições sanitárias da cidade.

Algumas das instalações definitivas de postos no interior, já iniciadas, devem ser inauguradas ainda êste ano.

EDUCAÇÃO

Antes de ser o Amapá transformado em território federal, o ensino estava praticamente em completo abandono.

Para confirmar isso, basta consultar o que dizem as estatísticas existentes sobre o assunto.

A frequência média às escolas públicas em 1943, último ano antes da criação do território, era de 295 alunos.

Em 1944 essa frequência média subia a 814 e em 1946 já se verificava a matrícula efetiva de 2 084 alunos.

Vem sendo assim ininterrupto o soerguimento educacional do território e êle seria, sem dúvida, ainda maior, se não fôsse a falta de verbas para a execução do programa de educação no território.

Com a aprovação pelo governo federal do plano de ampliação da rêde do ensino primário, espera o território do Amapá conseguir, em 1948, as verbas destinadas à construção da Escola Profissional (cuja pedra fundamental foi lançada por ocasião da visita ao Amapá da Comissão Parlamentar de Valorização do Vale Amazônico) e da Escola Doméstica, a fim de tornar-se realidade a diretriz do ensino.

Naquela, além do curso primário, os jovens aprenderão as profissões essenciais ao futuro da região, especializando-se como mecânicos, carpinteiros, alfaiates, sapateiros, pedreiros e oleiros.

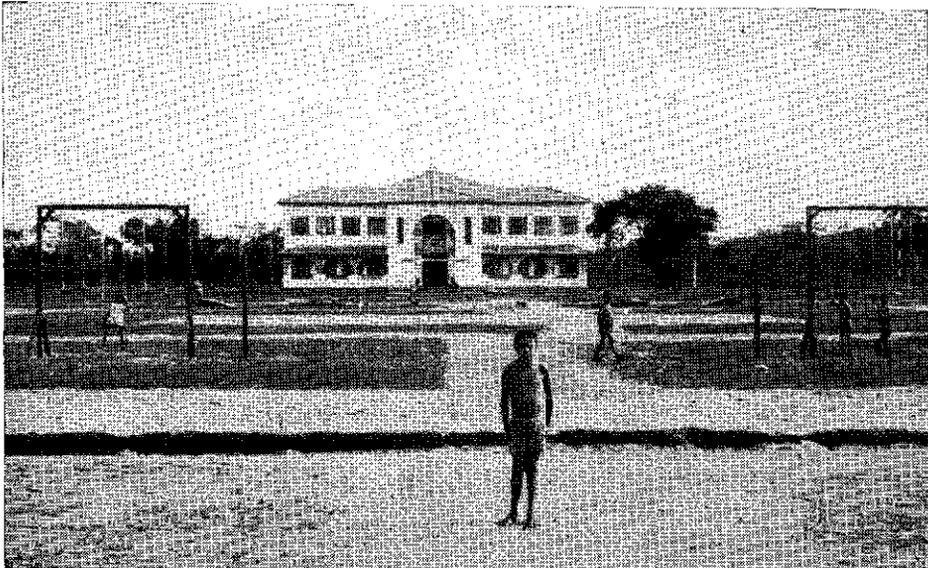


Fig. 43 — Grupo Escolar Barão do Rio Branco.

Na Escola Doméstica, além do curso primário, as meninas estudarão corte e costura, culinária, lavagem e engomagem de roupa, noções de enfermagem e economia doméstica.

Foi solicitada pelo governo do território ao Ministério da Agricultura, a verba de Cr\$ 800 000,00, destinada à construção da Escola de Iniciação Agrícola, verba esta a ser distribuída no decorrer de 1948.

Antes da criação do território, a escola pública de Macapá estava instalada num casebre esburacado construído de taipa.

Os alunos sentavam-se no chão em terra batida, pois o único mobiliário da sala de aula compunha-se de uma mesa e uma cadeira, destinadas à professora.

Hoje Macapá possui o seu Grupo Escolar Barão do Rio Branco, instalado em edifício admirável pela solidez e pelo acabamento.

Possui 12 salas de aula, de 77 metros quadrados cada uma, bem iluminadas e arejadas, e um amplo salão de conferências, dotado de um equipamento duplo sonoro, sistema movietone, marca "Enermann IV" Zeiss Ikon, de fabricação alemã, para filmes de 35 m/m, com a finalidade de educar a criança, o adolescente e o adulto, proporcionando-lhe uma iniciação cultural que a todos conduza ao conhecimento da vida nacional e ao exercício das virtudes morais e cívicas, dentro do elevado espírito de fraternidade humana.

Água em abundância, em torneiras moderníssimas, mobiliário prático e de primeira qualidade, amplo terreno para recreio e ginástica.

A construção desse belo edifício custou Cr\$ 1 200 000,00, o que, para a época em que foi construído, representa um preço muito baixo, que bem atesta a honestidade que presidiu à sua construção.

O autor do projeto foi o Dr. JOSÉ VÍTOR CONTREIRAS, arquiteto do edifício.

O número de professores no território já ascende a 104, sendo 44 normalistas, 5 de ensino secundário e 55 leigos.

Além desses, há ainda 1 professora diplomada, especializada em canto orfeônico e 4 instrutores de educação física.

Verifica-se, pois, que a educação melhorou, transformou-se, cresceu e já apresenta uma situação bastante lisonjeira, se bem que ainda não a desejada pela Divisão de Educação, cujo plano é vasto.

Não ficam aí, entretanto, as realizações do governo do território em favor do aluno. Há, ainda, a merenda escolar gratuita, que é distribuída pela manhã e à tarde, diariamente, e que foi instituída, desde julho de 1945, a fim de ajudar ao desenvolvimento das crianças na maioria desnutridas, constituindo ainda um elemento valioso para o aumento da freqüência.

A Divisão de Educação esforça-se para convencer os alunos de que essa merenda não é uma esmola, estimulando-lhes no espírito a convicção de que é dever do governo assisti-los em tudo quanto facilite a sua educação, a fim de que, mais tarde, educados, possam melhor servir ao Brasil.

É digno dos maiores louvores essa prática dos dirigentes do território.

A Divisão de Educação recebe constantemente pedidos para criar novas escolas nas localidades onde o índice de crianças analfabetas é elevado, o que bem prova quanto era involuntária a ignorância em que vivia esse povo abandonado.

ESCOTISMO E BANDEIRANTISMO

A 13 de setembro de 1945, foi fundada a primeira tropa escoteira, Associação Veiga Cabral, e, desde então, procura difundir-se essa escola de BADEN POWELL, não somente na capital como também em todo o interior do território.

Igualmente conta o Amapá com o movimento bandeirante.

As companhias Ana Néri e Anita Garibaldi iniciaram suas atividades a 23 de setembro de 1945.

Assim, tanto a juventude masculina como a feminina, arregimentadas sob a orientação destas instituições, vêm tirando o melhor proveito de seus ótimos ensinamentos.

EDUCAÇÃO FÍSICA

É considerável o movimento da educação física no território, contando já os grupos escolares e várias escolas isoladas com professores e material indispensável ao seu ensino.

Dessa maneira, com o aumento do número de escolas e professores do melhor padrão, o Amapá caminha para a extinção completa do analfabetismo simultaneamente com o desenvolvimento físico de seus filhos.

MUSEU TERRITORIAL

Está funcionando anexo ao Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em sala própria, um museu com a finalidade de facilitar o ensino relativo às ciências naturais, na parte que se refere à nossa fauna.

Cabe salientar o cuidado com que se preparam os exemplares, colocando-os em atitudes que lhes são peculiares quando vivos, sobre uma base de madeira, na qual é fixada uma etiqueta, com a designação regional e científica. Assim também são eles catalogados em livro especial.

PRODUÇÃO

Apenas falaremos aqui de alguns aspectos essenciais das possibilidades com que o território do Amapá conta para colaborar na valorização econômica do vale do Amazonas.

Este território dá anualmente cerca de 500 toneladas de borracha.

As terras do Jari estão incluídas naquelas que o Instituto Agrônomo do Norte reputa entre as melhores para o plantio da seringueira em larga escala.

A castanha do Pará é encontrada com abundância em certos trechos, atingindo a venda vários milhares de hectolitros, sendo a sua qualidade das que obtêm melhor preço no mercado.

Consideramos do máximo interesse para o futuro econômico do território, a plantação, em grande escala, dessa árvore nas extensas terras de que pode dispor, aproveitando, temporariamente, os intervalos entre os pés para outras culturas, como a bananeira, a mandioca, o milho, etc., até que as castanheiras, crescendo, cubram de sombra o terreno, a ponto de prejudicar o desenvolvimento das culturas intercaladas.

A bananeira poderia continuar a ser explorada com resultado, mesmo depois de adultas as castanheiras.

Do mesmo modo, poderão ser feitas plantações homogêneas das mais preciosas essências florestais, único meio de assegurar um valor econômico compensador à exportação de madeira.

Estamos convencidos do brilhante futuro reservado ao território quanto à produção de óleos vegetais.

Já participa o Amapá, destacadamente, no comércio regional de sementes oleaginosas, assim como de peles silvestres, de grude de peixe, de mel de abelha e de timbó.

As reservas de madeira de lei do território estão quase intactas e raros pontos da Amazônia oferecem, como o Amapá, as mesmas facilidades de embarque para a exportação, qualquer que seja o destino.

As terras do território, de topografia completamente plana, prestam-se de modo admirável para a cultura mecanizada, único meio de garantir produção suficiente para o barateamento do custo de vida.

Como encontrariam aceitação e seriam apreciadíssimos na capital da República os suculentos abacaxis ou ananases do Norte, as maravilhosas bananas maçãs e os deliciosos côcos que o carioca paga até Cr\$ 6,00 por unidade!

Vapores frigoríficos fariam o transporte dessas frutas com grande facilidade e resultado.

A pecuária tem no Amapá um porvir que empolga aos que conhecem a vastidão de seus campos, dispondo de água com abundância.

As 50 000 cabeças de bovinos existentes constituem garantia segura para a preparação de um rico e numeroso rebanho.

É muito piscosa toda a costa oceânica do território e a exploração do peixe concorre acentuadamente para o aumento da receita dos municípios do litoral.

Hoje, essa exploração ainda se resume em peixes secos e em salmoura, devido à grande distância do maior mercado consumidor de peixe fresco, que é Belém.

Logo que a pesca seja organizada e que Macapá disponha de uma fábrica de gelo que possa abastecer as embarcações de pesca e de transporte, Belém receberá com regularidade peixe fresco suficiente para o abastecimento de sua população.

Pelo desenvolvimento atual do progresso do território, já antevemos os lucros extraordinários que proporcionará ao Amapá, num futuro próximo, a piscicultura racional, em grande escala, do "pirarucu", esse nosso peixe maravilhoso.

O que já se vem obtendo nesse sentido nas represas do Nordeste atesta que não somos visionários.

A industrialização do peixe no território já despertou o interesse de empresa norte-americana, que se diz informada das grandes possibilidades econômicas desta privilegiada região.

As experiências feitas pelos técnicos da Divisão de Produção permitem assegurar que a terra se presta maravilhosamente à fruticultura e à horticultura que, devidamente exploradas, poderão constituir base segura para uma indústria útil e rendosa.

Também foi provado por esses técnicos que as condições climáticas da região são as melhores para a compensadora cultura da juta, tão necessária às indústrias de fibras de São Paulo e outros estados.

O plantio de arroz em grande escala foi iniciado por meio de moderno sistema de irrigação, no lago Ambé, no rio Pedreiras, oferecendo belas perspectivas ao florescimento da agricultura regional.

O govêrno do território cogita de fixar o homem à gleba pela distribuição de lotes a colonos nacionais, em áreas de fronteira e outras de fácil acesso, escolhendo para isso elementos disseminados à margem dos rios e igarapés do território.

Assim lhes será facilitada a assistência tanto médica como técnico-profissional e assegurado o transporte dos produtos agrícolas por êles conseguidos.

PÔSTO AGRO-PECUÁRIO

Em Fazendinha, nos arrabaldes de Macapá, o govêrno do território está efetuando estudos relativos à agricultura e à pecuária, sob a direção de um agrônomo e um veterinário.

Nos campos de criação, mantém bons reprodutores, importados do sul do país.

Anexo ao Pôsto Agro-Pecuário, funciona uma escola onde a criança aprende, além das matérias do curso primário, horticultura e rudimentos de agricultura.

1.ª EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS DO TERRITÓRIO DO AMAPÁ

Comemorando o quarto aniversário da criação dos novos territórios federais, foi inaugurada, a 4 de setembro de 1947, a 1.ª Exposição de Animais do Território do Amapá, no campo agro-pecuário de Fazendinha.

Êste certame anual constituirá a "Festa do Criador Amapaense", tomando parte no mesmo, criadores de outros pontos do Brasil.

O desenvolvimento da pecuária do território, um dos fatores básicos do seu soerguimento econômico, recebe assim o impulso e o estímulo necessários à sua rápida evolução.

Tivemos ocasião de assistir ao encerramento da exposição, com a distribuição de prêmios aos criadores laureados e desfile do gado bovino e cavalariço que nela tomou parte.

Por ocasião da cerimônia discursaram vários oradores, falando por último o governador do território, que agradeceu o comparecimento de todos os expositores, fazendo considerações sobre o brilhante futuro reservado à pecuária no território do Amapá.

PRODUÇÃO MINERAL

Desde o século passado que se encontra ouro no território do Amapá.

Pelo estado de abandono em que vivia o Amapá, sem fiscalização alguma, muito ouro foi contrabandeado.

A garimpagem continua, embora em pequena escala, devido aos processos rotineiros. Além disso, o acesso às minas é muito difícil.

Acabam de ser examinadas duas jazidas de ouro de filão, ambas no rio Vila Nova, cujas análises são animadoras.

Outros veios foram localizados nas cabeceiras do rio Cassiporé, mas ainda aguardam capitais organizados para o seu aproveitamento racional.

No Amapá já foram encontrados também diamantes industriais de boa aceitação.

O território dispõe, além disso, de tantalita, um dos minérios mais procurados durante a guerra e possui ainda vários outros minérios, como o rutilo, o caulim e a ilmenita.

Um geólogo do território estuda atualmente os depósitos de calcário.

Ingressando, em setembro de 1945, no mercado nacional de estanho, como exportador de cassiterita, o Amapá vem conservando o segundo lugar como fornecedor dessa matéria prima, mau grado só terem sido atingidos, até hoje, os depósitos aluvionais encontrados à flor da terra.

Em pesquisas procedidas pela Hanna Exploration Company, foram encontrados cerca de dez milhões de toneladas de hematita compacta e um volume extraordinariamente mais elevado de canga utilizável nos fornos a carvão vegetal, o que constitui fonte rica para uma siderurgia local, sugerindo os especialistas o aproveitamento desse minério na fabricação de ferro gusa, de ferro esponjoso e de aços finos.

Essa siderurgia seria garantida pelas incomparáveis reservas de carvão vegetal e pela fácil captação de energia hidroelétrica.

Entretanto, tudo indica que a grande alavanca da independência econômica do território do Amapá será o seu manganês.

De fato, foi descoberto no rio Amapari minério de manganês de alto teor e em situação muito melhor do que qualquer outro já conhecido, com relação à exportação.

O geólogo GLYCON DE PAIVA, nome consagrado nos meios científicos nacionais, diz em seu relatório de estudo desse minério no território do Amapá:

“O distrito manganífero revelado no território federal do Amapá e suas extensões presumidas, consideravelmente reforçam nossa posição política comercial exterior, naquilo que se refere ao abastecimento desse mineral estratégico.

Atendendo a que o depósito de Urucum, situado no coração da América do Sul, tem acesso fácil ao mercado externo, e atendendo, ainda, a que os depósitos de Minas Gerais já se encontram em meia exaustão e já exigem que se pense em parcialmente reservá-los para as necessidades siderúrgicas internas do Brasil, pode-se inferir o papel excepcional que passa a desempenhar o manganês do Amapá, situado a 3 000 milhas apenas dos portos americanos e que poderá ser exportado mediante transporte terrestre inferior a 200 quilômetros, quando em Minas pede mais de 400 e, ainda assim, dista 5 000 milhas dos mesmos portos”.

Na exposição, esse geólogo, que hoje representa o Brasil no Congresso da ONU em Genebra, considera o manganês do Amapá uma arma da política comercial exterior do Brasil, de excepcional valia para firmar-lhe o prestígio internacional e apoiar nossas exigências: “Deixaremos, se soubermos utilizá-la, de solicitar o abastecimento nosso em carvão mineral e em petróleo, para exigí-lo em pé de igualdade, tendo em vista a exigência de um minério que possuímos abundante e excepcionalmente bem colocado e de que os Estados Unidos não possuem e do qual profundamente necessitam”.

PLANO RODOVIÁRIO

Nenhum investimento de capital mais garantido e lucrativo poderá ser feito pela União do que construir as rodovias sugeridas para o território do Amapá, tendo em vista as enormes possibilidades econômicas da região.

A recente descoberta do manganês e estanho (cassiterita) no rio Amapari, (o último em franca exploração), impõe a realização imediata do primeiro trecho de rodovia Macapá-Porto Grande-Colônia Ferreira Gomes.

Constitui velha aspiração de todos os amapaenses ver construída uma estrada ligando Macapá (na margem esquerda do Amazonas) a Clevelândia (na margem direita do Oiapoque).

Isso porque contariam com mais uma via de comunicação não dependendo apenas da existente — o oceano Atlântico — como também seria aberta à colonização essa vasta zona interior que, no testemunho de todos aqueles que a percorreram, apresenta grandes possibilidades de desenvolvimento rápido.

Segundo fomos informados, o Estado Maior do Exército reconhece que essa rodovia será a espinha dorsal do território e fator preponderante na manutenção da nossa fronteira norte.

Não será possível pensar em colonizar o território do Amapá e integrar na economia nacional as suas riquezas, sem executar o seu plano rodoviário, condição essencial à sua independência econômica.

E o mais interessado nisso é, sem dúvida, o governo central.

Assim, qualquer economia nesse sentido representa um mau negócio para a União.

O Amapá oferecerá condições imediatas para a valorização econômica daquela parte da Amazônia se obtiver o auxílio indispensável nessa primeira fase de seu desenvolvimento.

Sua topografia quase plana muito facilita o lançamento de vias férreas, assim como a abertura de boas rodovias.

A pedra local de pouca consistência chamada “piçarra”, quando socada no leito da estrada, constitui um bom piso para a rodagem dos pneumáticos; essa pedra é um arenito ferruginoso duro, comum no estado do Pará e conhecido ali por “pedra do Pará” ou “pedra canga”.

Entretanto, é indispensável que o leito da estrada seja bem abaulado e com boas defesas contra as águas, a fim de evitar o seu encharcamento na época das chuvas.

Acreditamos que uma exploração eficiente e contínua do manganês do território exigirá a construção de uma estrada de ferro para garantir a exportação.

Isso hoje será facilitado por já possuímos trilhos de fabricação nacional de Volta Redonda.

MACAPÁ E O SEU FUTURO

É evidente a importância que Macapá terá no conjunto das capitais do norte do país.

Ela está fadada, como diz o governador, a ser, um dia, uma das grandes cidades industriais do Brasil.

Possuindo clima agradável e sadio, cercada de campos lindos, dotada de solo fértil e variado e podendo aproveitar a energia hidro-elétrica da cachoeira do Paredão, no rio Araguari, cujo potencial acaba de ser avaliado em 200 000 kilowatts, constitui um dos pontos da Amazônia de vital interesse em qualquer programa de fomento.

Quem visita Macapá já desfruta, hoje em dia, todo o conforto no Macapá Hotel, estabelecimento de que pode orgulhar-se a cidade.



Fig. 44 — *Macapá Hotel, de arquitetura moderna e sóbria.*

Situado na margem do Amazonas é continuamente bafejado pela brisa. Em frente a uma ponte de desembarque de 400 metros de comprimento, fica localizado num dos recantos mais atraentes da capital amapaense.

De arquitetura moderna e sóbria, dispõe de bons quartos, apartamentos, um amplo *hall*, espaçosas salas de refeição e de estar.

Confessamos que não imagináramos encontrar em Macapá um estabelecimento dessas proporções e que apresentasse tanto conforto.

Desejamos registrar aqui os nossos agradecimentos pela maneira amável com que fomos recebido pelo senhor governador do território, um perfeito cavalheiro.

Todos os bons brasileiros deixam o Amapá profundamente gratos ao capitão JANARI GENTIL NUNES, que não mede sacrifícios para proporcionar a nossos filhos um Brasil melhor.